



Universidade Católica de Pelotas
Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos

Pierri Araújo Porciúncula

De independentes a organizados: o processo de engajamento em partidos políticos
dos “ocupas” em Rio Grande e Pelotas

Pelotas
2021

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da UCPEL: Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

Porciuncula, Pierri Araujo

De independentes a organizados: o processo de engajamento em partidos políticos dos “ocupas” em Rio Grande e Pelotas./

Pierri Araujo Porciuncula. – Pelotas: UCPEL, 2021.

89 f

Orientador: Renato Della Vechia.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Direitos Humanos. - Pelotas, BR-RS, 2021.

1.juventude. 2.engajamento. 3.ocupações.I.Della Vechia, Renato, orient. II.Título.

De independentes a organizados: o processo de engajamento em partidos políticos
dos “ocupas” em Rio Grande e Pelotas

Dissertação apresentada na Universidade Católica de Pelotas como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos para obtenção do título de Mestre em Política Social e Direitos Humanos.

Orientador:
Prof. Dr. Renato Della Vechia.

Pelotas
2021

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2.1 Junho e julho de 2013 e a gênese do Brasil polarizado	16
2.2 2016: um ano de polarização das ocupações ao Impeachment	21
2.3 Juventudes e diferentes formas de perceber o mundo	27
3. Pressupostos metodológicos	32
3.1 Método documentário e entrevistas narrativas	37
3.2 Entrevistas narrativas	41
3.3 Modelo do engajamento	44
4. Resultados da pesquisa	52
4.1 Confiança política construída nas ruas	56
4.2 O conflito e o diálogo como processo pedagógico	62
4.3 Mais do que diálogo solidariedade	72
5. Considerações finais	81
6. REFERÊNCIAS	84

Lista de siglas

ENE	Encontro nacional de Educação
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
LPJ	Levante Popular da Juventude
MBL	Movimento Brasil Livre
MPL	Movimento Passe Livre
MST	Movimento Sem Terra
MUP	Movimento Universidade Popular
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PCO	Partido Comunista Operário
PT	Partido dos Trabalhadores
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFSCAR	Universidade de São Carlos
UJC	União da Juventude Comunista
UJS	União da Juventude Socialista
UNE	União Nacional dos estudantes
UEE	União Estadual dos Estudantes

Resumo

Este trabalho tem como intenção analisar o processo de engajamento dos/as jovens que ocuparam as escolas em 2016 no Rio Grande do Sul e atualmente estão participando de organizações partidárias. A coleta de dados será feita através de entrevistas narrativas (WELLER; ZARDO, 2019). Foram investigados quais fatores são relevantes para o processo de engajamento dos jovens que ocuparam as escolas em 2016 nos municípios de Rio Grande e Pelotas. Para guiar os questionamentos foram utilizados os modelos de análise, engajamento de condições e engajamento militante (RUSKOWSK; SILVA, 2016). Estes modelos de engajamento privilegiam alguns elementos importantes, evidenciando, a partir da aplicação do método documentário, (BONHSACK, 2010) quais são os habitus (BOURDIEU 1983) que se constroem com relevância para que ocorra esse processo de engajamento e permanência na militância política destes/destas jovens. Os resultados demonstram que há uma heterogeneidade entre os militantes ligada a diversos aspectos, ademais percebeu-se que as os atos promovidos nas ruas são centrais para potencializar o engajamento. Além desses, foi possível compreender, a partir das entrevistas, que os conflitos podem ser pedagógicos e o afeto entre militantes é essencial para que o engajamento se mantenha, e se efetive.

Palavras chaves: juventude; engajamento; ocupações.

1. Introdução

Esta dissertação se estrutura da seguinte forma, no primeiro capítulo abordo a conjuntura política e os ciclos de confronto que ocorrem a partir 2008, dando destaque para as jornadas de junho ocorridas no Brasil explorando as possíveis ligações entre estas jornadas e os acontecimentos em 2016. Ao explorar as manifestações ocorridas em 2016 proponho demonstrar que a juventude pode se engajar tanto a esquerda quanto a direita no espectro política.

A seguir abordo as questões metodológicas o método documentário, e como este se articula para analisar as entrevistas coletadas, as entrevistas narrativas como ferramenta de coleta que permite que os próprios sujeitos de pesquisa construam suas narrativas e evidencie quais fatores estes percebem como relevantes nas suas experiências. Ainda nas questões metodológicas abordo elementos que são essenciais para entender o engajamento e a partir daí construir as perguntas que norteiam as perguntas das entrevistas. Por fim abordo os resultados da pesquisa articulando quais elementos se fazem relevantes para o engajamento verificando a partir do campo que a militância é sobretudo um processo pedagógico que se da a partir do diálogo e do confronto.

Por fim faço algumas ressalvas importantes sobre o título desta dissertação “De independentes a organizados: o processo de engajamento em partidos políticos dos “ocupas” em Rio Grande e Pelotas” os termos independentes e organizados são termos nativos da militância quando alguém esta participando de algum coletivo politico é chamado de organizado quando alguém atua no Movimento estudantil sem estar necessariamente organizado em uma organização é chamado de independente, o mesmo se aplica ao termo “ocupas” que é como se autodenominaram estes jovens que ocuparam as escolas.

A segunda ressalva que faço a respeito dos partidos políticos que acabam por fim não se tornando visíveis durante a pesquisa visto que a pesquisa foca em organizações politicas que tem uma linha ditada por determinados partidos porém não necessariamente seus militantes são organizados no partido, podendo estes militarem nas organizações de juventude vinculadas aos partidos sem estarem filiados.

O interesse sobre as ocupações secundaristas de 2015-2016 foi despertado durante a minha trajetória acadêmica enquanto cursava a especialização em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no período entre 2017/2018. Como resultado desta pesquisa nasceu um Trabalho de Conclusão de Curso¹ (TCC), onde busquei analisar o impacto que estas ocupações tiveram na visão de mundo dos jovens que participaram das ocupações. A partir da pesquisa pude verificar que as ocupações eram formadas majoritariamente por jovens em sua primeira experiência política e, além disso, foi uma ação coletiva protagonizada em sua imensa maioria por jovens que não pertenciam a organizações políticas. Conforme demonstra a análise de (CORROCHANO; DOWBOR, 2018) esta geração possui grandes desconfianças com partidos políticos e esta desconfiança também era presente durante as ocupações de 2016. No entanto, era possível perceber que organizações que estivessem presentes na construção diária das ocupações eram aceitas desde que não tentassem impor sua linha política de forma autoritária desrespeitando as decisões tomadas pelas próprias ocupações.

Passados três anos destas ações coletivas pude perceber, observando as redes sociais da UNE (União Nacional dos estudantes), UEE (União Estadual dos Estudantes), ou então frequentando espaços como o ENE (Encontro nacional de Educação), que uma parcela destes/as jovens que participaram da Primavera Secundarista² atualmente participam de organizações partidárias.

Cabe ainda fazer a ressalva de que a partir tanto da minha pesquisa, como de outras, se fez possível verificar outras formas de engajamento, para além do engajamento partidário. Porém, esta pesquisa centra-se nos engajamentos em organizações partidárias ou suprapartidárias. Dito isto, esta pesquisa se propõe a analisar a relação que se estabelece entre as experiências vividas nas ocupações e como estas se relacionam com a decisão de alguns jovens em se engajarem em organizações partidárias.

A deliberação por pesquisar os jovens organizados se entrelaça com a minha trajetória acadêmica. Haja vista que, em maio de 2019 ao participar do III Colóquio de

¹ A pesquisa tem como produto final um artigo científico que se intitula “Ocupações secundaristas em Rio Grande: A horizontalidade como aspecto central na organização”. E ainda não foi publicado no banco de dados da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Primavera Secundarista é o nome dado pelos próprios jovens para o movimento nacional de ocupações inspirado por ações coletivas como a primavera árabe.

Juventude na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tive contato com uma série de pesquisadores de juventude. Lá fui convidado a integrar o projeto “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e autoformação das/dos ocupas como sujeitos políticos”, idealizada inicialmente por Luís Antonio Groppo (GROPPO, 2018) e que atualmente conta com uma série de pesquisadores de todo Brasil. Esta pesquisa serve como inspiração para a temática do engajamento militante pós-ocupações destes jovens. O tema do engajamento partidário dos jovens não apresenta uma grande quantidade de produção acadêmica no Brasil e no mundo sendo um consenso que tem um longo caminho pela frente (SEIDL, 2011; BRENNER, 2013). Sendo assim, pretendo contribuir com este campo de pesquisa tão importante. Outro motivo que justifica a escolha deste tema é sua relevância no campo do debate das políticas sociais e direitos humanos. Tornando o tema relevante para o Programa de Políticas Sociais e Direitos Humanos, da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

As ocupações secundaristas possuem motivações diversas, mas é um consenso, ao analisarmos ocupações de todo Brasil, que as políticas sociais estiveram no centro do debate em todo Brasil, principalmente em defesa da escola pública (COSTA; GROPPO, 2018; GOHN, 2018; BAQUERO, 2017). Seja ao debaterem o financiamento na escola pública ou a oposição a políticas públicas de caráter autoritário como o projeto Escola Sem Partido³.

Estes eventos também geram um debate a respeito da violação dos direitos humanos, pois em diversas destas ocupações são relatadas práticas que violam os direitos destes estudantes, tanto na ocupação quanto no pós-ocupação. E traz em si um debate a respeito da criminalização dos lutadores sociais e de garantia da liberdade de manifestação.

Os relatos dos ocupas – autodenominação de tais estudantes – trazem um grande reconhecimento dos aprendizados suscitados por esta ação coletiva, inclusive o ensaio de novas formas educacionais, políticas e de relações de gênero (...). Contudo, revelou-se também um grande manancial de angústia e mal-estar e, principalmente entre secundaristas, violações de direitos humanos, já que enfrentaram, durante as ocupações, ameaças e agressões, e, no pós-desocupação, intimidações e retaliações (GROPPO, 2019, p.10).

³ESCOLA sem partido: entenda o que é movimento que divide opiniões na Educação. **EBC**, 20 jul. 2016, Disponível em: <<https://www.ebc.com.br/educacao/2016/07/o-que-e-o-escola-sem-partido>>. Acesso em 5 set. 2020.

Sendo assim se faz perceptível que analisar as ocupações e o engajamento da juventude é essencialmente também debater os direitos humanos e as políticas sociais. Ao me intitular como mestre no programa de Políticas Sociais e Direitos Humanos o debate sobre militância em movimentos sociais se faz essencial pois como afirma o autor.

A democracia é, para os movimentos, tanto um objetivo quanto um meio. Ela faz muitas promessas (promessas que, mesmo hoje, não foram plenamente realizadas em lugar algum). Oferece proteção em relação a ações arbitrárias da parte do Estado (direitos humanos), assim como diversos direitos políticos: alguma participação nas decisões do governo, ou pelo menos em decisões importantes; alguma responsabilização do Estado por suas ações, e especialmente por seus erros (JASPER, 2016, p. 35).

Ou seja, debater engajamento e de forma intrincada debater os direitos humanos, como estes se expandem ou se retraem e os demais desdobramentos. E se faz coerente com a linha de pesquisa Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas que se apresenta da seguinte forma.

Investiga, sob um referencial crítico e interdisciplinar, as diferentes perspectivas teóricas no contexto das relações e políticas sociais, dando destaque especial à participação nos processos de efetivação dos direitos sociais e humanos. Abarcam temas que envolvem a questão social, relação Estado x sociedade civil, as diversas relações de violência e expropriação social e territorial, o espaço dos movimentos sociais contemporâneos, os processos de resistências e lutas sociais, o trabalho e as diferentes formas de produzir e viver expressas em outras economias, os reflexos do colonialismo e do patriarcado como formas de opressão, os conflitos urbanos e ambientais diante o padrão de sociabilidade do capital no contexto periférico.

As ocupações foram um processo de resistência protagonizadas pelos jovens que pautaram diversas questões importantes para emancipação e combate às opressões. Seja ao defender a educação pública e gratuita ou ao debater no interior das ocupações temas relacionados a gênero e raça. Além do debate sobre outro currículo escolar (SAN SEGUNDO; SEVERO, 2019) e outra relação com a escola.

O estudo de engajamento de jovens em partidos políticos ainda tem muito o que percorrer (SILVA; RUSKOWSKI, 2011; SEIDL; BRENNER, 2018) mesmo que existam estudos desde os anos 60. No contexto Brasileiro o estudo de juventudes partidárias ai é pequeno no (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009) ao contrario de países como a França que ou os Estados Unidos que tem um grande volume de trabalhos na área.

Desde 2013, com as jornadas de Junho e Julho, houve uma grande quantidade de estudos sobre ações coletivas e ondas de protestos ocorridos na época em sua imensa maioria enfatizando que os partidos políticos haviam perdido centralidade nas disputas, o que é verdadeiro. Isto talvez explique a pouca quantidade de trabalhos sobre juventude e partidos políticos encontradas nos últimos 10 anos. Com destaque para a pesquisadora Ana Karina Brenner com 5 trabalhos com a temática de partidos e juventude (MARQUES, 2017), ela se dedica a pensar em como, apesar de serem minorias, a juventude partidária é um campo importante de estudo e de militância que precisa ser mais abordado. Outros pesquisadores (LUCAS, 2012; BARRO, 2019) fazem uma leitura do panorama da militância jovem em partidos e como se dão suas percepções de organização. E, por fim, neste mapeamento, foi encontrada também uma dissertação com ênfase na relação entre casais de militantes, tendo assim um foco bastante diferente do que pretendo explorar.

Este trabalho busca estudar o engajamento partidário por perceber que a maioria dos estudos trata das ações coletivas em si e de seus impactos focando pouco em como esse engajamento se efetua ou quais são os fatores principais para que ele ocorra.

Sobre a produção a respeito das ocupações estudantis (2015-2016), conforme vemos nas tabelas que estão em anexo, tiveram diversas abordagens e muito interesse sobre as ocupações nos últimos 4 anos. Neste espaço de tempo foram elaboradas pesquisas que investigaram os desdobramentos a longo prazo a respeito do tema, a partir dessa conjunção de fatores surge a ideia de pesquisar o engajamento posterior das ocupas ao identificar as potencialidades disso. Essa percepção é fruto de pesquisa coletiva (GROPPO, 2018) que faço parte. Este projeto conta com realização de entrevistas com inúmeros ocupas por todo o Brasil e, que, em suas entrevistas iniciais já demonstram este fenômeno de ocupas que se tornaram militantes em organizações partidárias.

A seguir irei apresentar um panorama do contexto histórico em que estas lutas se inserem, tendo como ponto de partida a crise econômica de 2008 e seus desdobramentos. Após isso, será resgatado o ano de 2016 no contexto das ocupações com uma apresentação da diversidade de engajamentos e protestos vistos neste ano. E, por fim, trarei as questões metodológicas de análise e coletas de dados.

2. A crise global e seus novíssimos movimentos sociais

O colapso econômico ajudou a impulsionar a explosão de ocupações e protestos em massa no mundo todo. Uma fratura foi aberta na estrutura global, produzindo um abalo sísmico no mundo para muito além da economia (MACHADO, 2020). É impossível entender como ocorrem as ocupações de 2016 sem analisar o papel dos protestos que ocorreram por todo o globo a partir de 2008. Para entender a visão de mundo destas juventudes que foram as ruas é essencial o entendimento do conhecimento conjuntivo, isto é, a conjunção do conhecimento individual com aquele que é construído em determinado coletivo. Sendo assim é fundamental explorar contexto histórico em que os jovens militantes estão inseridos e como estes se engajam nesse contexto. Inicialmente abordarei a crise econômica de 2008, e as reações que se espalham pelo mundo, dando enfoque especial para o papel das jornadas de junho e julho de 2013 no Brasil. Em seguida, irei discorrer sobre o ano de 2016 e suas diferentes manifestações dando um panorama geral das ocupações de secundaristas que se espalharam por todo o Brasil nas juventudes, a fim de contextualizar a conjuntura brasileira em que se constroem diferentes formas de manifestações.

A crise econômica , de 2008, trouxe consigo uma série de manifestações de rua por todo o mundo com pautas diversas. Estas ações coletivas possuíam características que dariam o tom das disputas de rua da década, trazendo a ocupação das ruas para o centro do debate político.

De fato, ao final da primeira década deste século, especialmente após 2008, os movimentos e mobilizações sociais mudaram novamente seus territórios e o eixo de seus repertórios discursivos. Passaram da antiglobalização (ou alterglobalização) para a negação da globalização e seus efeitos sobre a economia e o social, especialmente após a crise econômico-financeira de 2008. Estão tomando escala global como Movimentos de Indignados contra a globalização. A indignação-categoria que pode ser analisada em vários planos, especialmente o da moral, dos valores, da ética e da justiça social, tem ganhado centralidade (GOHN, 2018, p. 23).

Cabe considerar que os repertórios adotados pelos “novíssimos movimentos sociais”⁴, e, posteriormente, pelos jovens durante as ocupações das escolas em 2015-2016, como a prática de autogestão⁵, não é algo novo historicamente e foram utilizadas por uma série de movimentos ao longo da história. Sobretudo movimentos de trabalhadores e trabalhadoras. Estes novíssimos movimentos sociais resgatam “velhas” práticas como a autogestão, visto que existe uma série de experiências ao longo da história que utilizam essa forma de organização horizontal. Em sua maioria experiências socialistas e anarquistas (FISCHER; TRIBA, 2012).

Há novos sujeitos neste contexto por exemplo os estudantes secundaristas assumem um protagonismo muito grande. Inspirados principalmente pelo movimento que ficou conhecido como, revolução dos pinguins no Chile⁶, para além de movimentos de fábricas e universidades, como ocorreu na França em 68.

Os estudantes tiveram como fonte de inspiração o movimento pela educação ocorrido anos atrás no Chile, tanto na chamada “ Revolta dos Pinguins ”, da década de 2000, como nas ocupações que vêm ocorrendo na década de 2010, no Chile e na Argentina. Cartilhas e matérias sobre como fazer e como organizar uma ocupação foram meios para difundir aqueles ideais. Certamente, deve-se considerar as diferenças de contexto entre Brasil e Chile. Ideologias do “autonomismo” predominam no movimento dos secundaristas (GOHN, 2018, p. 1167).

Estas ocupações tem como característica fundamental a horizontalidade e as práticas prefigurativas definida da seguinte forma:

A característica mais marcante nos novíssimos movimentos sociais é a sua própria lógica de luta prefigurativa – tema que considero fundamental para entender as formas de se fazer política entre as novas gerações no Brasil e no mundo no século XXI. (...) Prefiguração é o entendimento de que as lutas não podem reproduzir internamente as hierarquias que tentam combater. Os movimentos, assim, precisam ser um retrato da sociedade que querem construir. Isso significa não postergar nossos sonhos de uma sociedade

⁴ *Novíssimos movimentos sociais* é um conceito da pesquisadora Maria Glória Gohn que corresponde aos movimentos sociais e suas contracorrentes (movimentos conservadores contemporâneos às ocupações) que surgem entre 2008 e 2016 e apresentam similaridades entre si.

⁵ O termo (...) autogestão nos remete a relações econômico-sociais e culturais nas quais trabalhadores e trabalhadoras têm a propriedade e/ou a posse coletiva dos meios de produção e cuja organização do trabalho (material e simbólico) é mediada e regulada por práticas que conferem aos sujeitos coletivos o poder de decisão sobre o processo de produzir a vida social. Diz respeito a um conjunto de práticas coletivas de pessoas ou grupos sociais que se identificam por compartilhar concepções de mundo e de sociedade fundadas no autogoverno na autodeterminação das lutas e experiências (FISCHER; TRIBA, 2012, p. 612).

⁶ A Revolução dos Pinguins foi um levante em favor da educação pública ocorrido no Chile em 2011 e encabeçado pelo movimento secundarista do país.

melhor, mas colocá-los em prática no cotidiano da luta, reinventando os sentidos do bem comum e do coletivo (MACHADO, 2019, p. 21).

Outro fator importante neste contexto é a internet e sua capacidade de disseminar informações e assim inspirar outros lugares a fazer semelhante, assim como inspirar uma oposição a determinados atos. A internet permite um fluxo de informações muito mais rápido e dinâmico, o que, para o sociólogo Manuel Castells, se chama contágio em rede.

Os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias. Começaram no sul e no norte, na Tunísia e na Islândia, e de lá a centelha acendeu o fogo numa paisagem social diversificada e devastada pela ambição e manipulação em todos os recantos deste planeta azul (CASTELLS, 2012, p. 7).

Este elemento de difusão rápida aparecerá em uma série de ações coletivas inclusive nas ocupações das escolas de 2015-2016 e nas manifestações pedindo o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, por isso é insuficiente analisar as ocupações das escolas sem entender que também houveram manifestações de viés conservador, pois de certa forma eles se influenciam. Seja como inspiração ou como resistência a determinada manifestação ou atitude, basta lembrar que as jornadas de junho e julho se massificaram após serem divulgadas na internet cenas de violência policial contra manifestantes. Após a crise econômica de 2008, uma série de manifestações tomaram as ruas por todo o globo com pautas diferentes, porém, com repertórios de disputas semelhantes, estes movimentos protagonizaram uma série de ciclos de confrontos⁷ que ficaram conhecidos como “occupys”.

Embora o termo *Occupy* tenha sido criado pela ocupação da praça Zuccotti, nos Estados Unidos, devemos identificá-lo com um gênero de manifestação política que começou a ganhar conformação a partir de 2008. Além do uso das redes sociais da internet na divulgação das pautas, organização e convocação da população às ruas, podemos caracterizá-la por suas formas de ação política. De acordo com o geógrafo David Harvey, suas táticas consistiram em “tomar um espaço público central”, um parque ou uma praça, próximo onde muitos dos bastiões do poder estão localizados, e fazer com que corpos humanos convertam esse lugar de espaço público em uma

⁷ Ciclo de confronto é “uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social: com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas de confronto; com a criação de quadros interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; com uma combinação de participação organizada e não organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e autoridades” (TARROW, 2009, p. 182).

comunidade de iguais, um lugar de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de combater seu alcance (CORREA, 2014, p. 123).

O que é bastante interessante é como um repertório de disputa⁸ de semelhante pode ser utilizado para alcançar demandas distintas, pois este formato mais horizontal, sem líderes e sem protagonismo de partidos políticos, sindicatos e outras organizações mais tradicionais, se repetiria ao longo da década. Neste caso, a ocupação de lugares públicos, praças, ruas, escolas e outros espaços, é o repertório utilizado para pressionar as autoridades a cumprirem as demandas exigidas.

Os movimentos caracterizados nessas formas de organização e ação política deu-se em diversos contextos políticos e sociais. No continente europeu e nos Estados Unidos, a manifestação voltou-se contra as consequências sociais da crise econômica de 2008 e o acobertamento político dos governos às instituições bancárias privadas e outras empresas do capital financeiro internacional. No mundo árabe, as insurreições do que ficou conhecido como a “Primeira Árabe” incidiu também contra a corrupção e o autoritarismo dos regimes políticos, a reivindicação por liberdade de expressão e a democratização das instituições (CORREA, 2014, p. 123).

A crise econômica de 2008 é essencial para entender este contexto em que as pessoas foram às ruas protestar por uma série de direitos numa sociedade em rede, marcado pela velocidade de compartilhamento de informações. Esta série de manifestações traz para o imaginário coletivo a possibilidade de contestar (de diversas formas) governos, políticas públicas etc. Ou, em outras palavras, estes momentos de ebulição política potencializam o engajamento dos sujeitos.

Por exemplo, em momentos de auge dos ciclos de protestos (Tarrow, 2009), denominados por Aristide Zolberg (1972) de “momentos de loucura”, as condições e os processos contextuais disparadores de disposições ao ativismo estão muito mais presentes do que em momentos marcados por uma baixa presença de processos contestatórios (SILVA apud RUSKOWSKI, 2016, 196-197).

⁸ Compreende-se como repertório de disputa “um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. Repertórios são criações culturais aprendidas, mas eles não descendem de filosofia abstrata ou tomam forma como resultado da propaganda política; eles emergem da luta. [...] Em qualquer ponto particular da história, contudo, elas [as pessoas] aprendem apenas um pequeno número de maneiras alternativas de agir coletivamente (TILLY, 1995, p. 26).

Em resumo, as manifestações trazem para o debate a luta por direitos e também aumentam as possibilidades de engajamento das pessoas envolvidas neste contexto histórico.

2.1 Junho e julho de 2013 e a gênese do Brasil polarizado

Defendo que junho e julho de 2013 são definidores de uma cisão política que vocaliza diferentes grupos que até um determinado momento destas jornadas são 1) movimentos horizontais herdeiros das práticas dos novíssimos movimentos sociais que se materializam nas ocupações secundaristas em 2016 e 2) grupos liberais no âmbito econômico e conservadores nas pautas sociais que representam uma parcela da classe média ressentida com as políticas sociais e com os impostos, tendo no grupo MBL o principal representante, que abordarei mais à frente.

Após 2013, o país rachou ao meio. Junho provocou ao mesmo tempo cisão e coesão do tecido social. A ruptura pode ser perfeitamente vista em um gráfico produzido pelo projeto Monitor do Debate Político no Meio Digital, coordenado pelos pesquisadores Márcio Moretto e Pablo Ortellado. A imagem, que analisa as interações entre as principais páginas políticas do Facebook, mostra que diferentes forças estavam próximas em Junho de 2013. Durante o processo do impeachment, em 2016, eles produziram outro gráfico que mostrava dois pólos, azul e vermelho, radicalmente apartados (MACHADO, 2019, p. 41).

Junho e julho de 2013 foram meses que surpreenderam tanto organizações conservadoras quanto organizações progressistas. Uma ação coletiva que se iniciou puxada com a pauta do passe livre pelo MPL (Movimento Passe Livre⁹) (Movimento Passe Livre) se massificou após casos de violência policial que viralizaram na internet.

(...) políticos e até mesmo cientistas sociais foram pegos de surpresa pelas manifestações de massa que mudaram a face e o cotidiano de nossas cidades em junho. Pela rapidez com que se espalharam, pelas multidões que mobilizaram, pela diversidade de temas e problemas postos pelos manifestantes, elas evocam os grandes e raros momentos da história em que mudanças e rupturas que pareciam inimagináveis até a véspera se impõem à agenda política da sociedade e, em alguns casos, acabam transformando em possibilidade algumas mudanças sociais e políticas que pareciam inalcançáveis (VAINER, 2012, p. 62).

⁹ O Movimento Passe Livre (MPL) é um coletivo suprapartidário que se organiza em diversas cidades do Brasil na luta pela gratuidade do serviço de transporte público. E foi o movimento que mobilizou grande parte das pessoas nas primeiras manifestações das chamadas jornadas de junho e julho ocorridas em 2013.

Como demonstrarei a seguir, Junho e Julho foram bastante heterogêneos e com a participação de diversos grupos e coletivos políticos (OLIVEIRA, 2019), cheios de controvérsias e disputas. Porém, assim como o pesquisador Breno Bringel percebe, Junho e Julho foram importantes sociologicamente por tornar as ruas e sua ocupação centrais para as disputas políticas.

As mobilizações massivas de Junho de 2013 produziram uma abertura societária no Brasil. Emergiram novos espaços e atores que levaram a um aumento da conflitualidade no espaço público e a um questionamento dos códigos, sujeitos e ações tradicionais que primaram no país durante as últimas duas décadas. Embora com visões e projetos distintos (e, em geral, opostos) da sociedade brasileira, os indivíduos e coletividades à esquerda e à direita do governo mobilizados entre 2013 e 2015 são fruto desta mesma abertura sociopolítica (BRINGEL, 2015, p. 6).

O sistema político brasileiro é construído para se blindar da participação popular (NOBRE, 2013). Com os atos de rua tornando-se recorrentes desde a crise econômica por todo o mundo, sua importância política se torna central e isto resulta na disputa de grupos distintos e por vezes antagônicos, já que carregam pautas e repertórios de disputa opostos. Ocupar e disputar as ruas da cidade após julho se torna recorrente.

Combinação de como protestos em massa alteraram o imaginário das multidões e da esquerda, desencadeando uma nova era de mobilização de multidões (massivas ou não) e, subsequentemente, das multidões que se organizaram à esquerda e da própria direita que se viu forçada a tomar as ruas para incidir sobre a conjuntura. Proponho que Junho seja visto como uma ruptura da inércia da política promovida pela democracia representativa liberal, e também aceita por ela, e petrificada até então, mas que não apresentou a resposta à crise e nem se libertou do processo de despolitização que ainda está em curso (FERNANDES, 2019, p. 97).

Para entender como eclodem estas manifestações é preciso analisar quem são as pessoas que vão para as ruas e o que gera essas indignações. Sendo assim, abordarei pontos importantes para entender junho e julho, tais como as características centrais apresentadas neste contexto pré jornadas de junho.

Parece ser um consenso (SINGER, 2013; FERNANDES, 2019; MACHADO, 2019) que a política de acesso ao consumo, estimulada pelos governos presidências que tiveram como cabeça de chapa o PT (Partido dos Trabalhadores), é um dos elementos centrais para entender as mobilizações de 2013. Nos governos petistas,

com um programa neodesenvolvimentista, as classes populares tiveram acesso a bens de consumo e se tornaram mais exigentes a respeito dos serviços oferecidos pelo estado. Segundo Machado,

Entendo que a ascensão econômica implica também o surgimento de pessoas mais críticas e exigentes em relação ao próprio sistema que agora estão acessando. Nesse sentido, ao contrário do que muitos acreditam, ou seja, que seria um equívoco protestar em tempos de abundância, (...) jovens que entravam na universidade sentiam na pele que aquele lugar não estava preparado para recebê-los e mantiveram-se vinculados a coletivos e movimentos sociais por meio dos quais pudessem resistir, somar forças e multiplicar afetos. Não foi só por 20 centavos: foi também um grito pela melhoria dos bens públicos, que são o termômetro de uma sociedade democrática (MACHADO, 2019, p. 29).

O surgimento de consumidores mais exigentes também gera uma contradição por parte de uma parcela da população visto que há uma exigência por melhores serviços ao mesmo tempo em que se pede uma diminuição da participação do Estado (FERNANDES, 2019). E até mesmo a juventude que estava na rua com uma visão de esquerda demonstrava grande desconfiança com as instituições. Tanto no campo da esquerda quanto no campo da direita havia críticas ao governo.

Outro fator que parece ser central é o descontentamento da classe média com o sistema tributário e com programas sociais como o Bolsa Família, além das cotas raciais na universidade (VECHIA; RABASSA, 2016). Esta parcela conservadora da população se une às manifestações e, por fim, através da mídia hegemônica, acaba por se apropriar delas e demonstra todo o preconceito e conservadorismo que pareciam adormecidos até então.

Lentamente, iniciava-se um processo de insubordinação das camadas populares, que cada vez mais tinham acesso a aspectos e ambientes da vida econômica e social que lhes eram negados antes. Num país de cultura servil como o Brasil, isso se tornou uma afronta. Os lucros dos bancos continuavam exorbitantes e a economia crescia para todos, mas as elites e as camadas médias se viam perdendo privilégios. O poder sobre o qual o Brasil se estruturara por cinco séculos estava sendo minimamente ameaçado, e isso já era demais. Esse recalque reprimido começou a sair do armário em Junho de 2013. (MACHADO, 2019, p. 33)

Sendo assim é essencial se debruçar também sobre o período de junho e julho de 2013, período este que ficaram conhecidas como “jornadas de junho e julho”, este acontecimento como indica seu nome foi uma jornada que tiveram uma série de

momentos, o que ajuda a explicar as diversidades dos grupos envolvidos. Pode-se dizer de forma simplificada que as jornadas se iniciaram com pautas progressistas conseguindo a revogação do aumento da passagem do transporte público em Porto Alegre, contra a prisão do trabalhador Rafael Braga que portava um desinfetante, e exigindo melhorias nos serviços públicos, bem como se opondo ao autoritarismo e à truculência policial.

Do punitivismo que condenava Rafael Braga ao conservadorismo moral da cura gay, todos os grandes temas presentes em Junho de 2013 eram, sobretudo, lutas contra pautas que hoje são legitimadas pela extrema-direita que está no poder. As jornadas não foram a causa da tragédia nacional. Ao contrário, elas traziam reivindicações essencialmente antiautoritárias (MACHADO, 2019, p. 37).

O grande ponto de virada que possibilita que estas jornadas sejam tomadas por pautas de direita ocorre no dia 20 de junho e é marcante em nossa história. O apoio da Globo, a mensagem de apartidarismo (que foi mal interpretada como antipartidarismo) e as denúncias de corrupção do governo do PT constituíram uma janela de oportunidades para as elites se apropriarem das ruas (e inclusive com o uso do slogan “Vem pra rua”, em princípio usado por grupos de esquerda). O dia 20 foi, talvez, o último dia do resto de nossas vidas em que os pólos antagônicos marcharam juntos (MACHADO, 2019) quando a própria mídia começa a sofrer com a violência policial e pautas nacionalistas, antipartidárias e anticorrupção ganham força.

O caráter amplo das demandas apresentadas nos protestos de 2013 e o uso do ufanismo como ferramenta unificadora removeram o caráter revolucionário da mobilização, apagando as diferenças de classe sob o manto da bandeira Brasileira. A visão nacionalista que prevaleceu não foi de qualquer nacionalismo, mas, dentro da perspectiva ufanista histórica brasileira, um nacionalismo para poucos, para “cidadãos de bem”, no estilo “Brasil, ame-o ou deixe-o” (FERNANDES, 2019, p. 111).

Após sua massificação, os atos carregam uma diversidade de grupos muito grande como já foi pontuado e também uma diversidade de narrativas a respeito dos acontecimentos. Se materializaram basicamente quatro narrativas que variavam a partir da ótica de cada grupo político: 1) a da grande mídia tentando se apropriar das manifestações, 2) a dos grupos governistas (que apoiavam o governo do PT naquele momento), acusando os atos de conservadores (ou negando sua legitimidade), 3) a dos grupos conservadores que atacavam os governos PT pautados pelo viés do

discurso da corrupção e do patriotismo e também 3) a narrativa da oposição à esquerda ao PT que percebia estes atos como resultado das contradições geradas por um governo de conciliação de classes. Para Fernandes, “falar em multidões é admitir que junho de 2013 foi competitivo e tanto a esquerda quanto à direita, em suas várias expressões, estavam em disputa para capturá-lo e (des)politizá-lo para seus próprios projetos” (FERNANDES, 2019, p. 94).

Como já dito anteriormente, as jornadas de junho e julho trazem os atos e a ocupação da rua e da cidade ao centro do debate político e, assim, escancaram diferentes grupos políticos e suas disputas, abrindo possibilidades de engajamento para as pessoas, em especial para os jovens. Estas manifestações foram massivas e tiveram grande cobertura da mídia. Não é difícil perceber que estes acontecimentos ir inspiraram outra série de reivindicações nos anos seguintes. Estas tão variadas quanto as óticas que emergem em 2013. Esta abertura social seria a arena de polarização e de disputas influenciando todo panorama político do país. Os protestos de junho e julho se iniciam com centralidade no passe livre e ao longo do seu processo de massificação outras pautas são incorporadas como a indignação com a corrupção (GOHN, 2018).

Estas diferentes pautas retratam a diversidade de grupos presentes em 2013.. Desde partidos políticos e coletivos organizados de esquerda até manifestações nacionalistas de direita. Junho é um momento histórico em disputa e cada grupo atribuirá um significado a este. Porém, se é uma disputa, entendo que os grupos com viés conservador tiveram maiores ganhos políticos, ganhos materializados no impeachment da presidenta Dilma Rousseff e na vitória do atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Isto não significa dizer que as jornadas de junho e julho foram um movimento conservador. Entendo que 2013 também influencia as ocupações das escolas em 2016 que possuem um caráter bastante progressista. A seguir tentarei demonstrar as conexões das manifestações de 2013 com as ocupações e os grupos conservadores.

2.2 2016: um ano de polarização das ocupações ao Impeachment¹⁰

As ocupações das escolas em 2015-2016 herdaram uma série de características dos novíssimos movimentos sociais.

No novo ciclo de mobilizações pela educação, tanto no caso das ocupações de escolas públicas em 2015, como no caso das Etecs em 2016, algumas características de junho de 2013 se repetem: a falta de mediadores e a ausência de lideranças. Ainda que haja uma organização e divisão interna de tarefas, apenas alguns estudantes têm a atribuição de se comunicar com a imprensa, dar entrevistas etc.; o elemento comum entre eles se chama movimento autonomista, alicerçado em princípios libertários (GOHN, 2018, p. 1159).

Junho de 2013 pode ser visto como o responsável por “gestar” a polarização que vemos atualmente, se 2013 é a “gestação” em 2016 é quando este “parto” de fato ocorre no mesmo ano em que grupos conservadores ganham as ruas ocorrem as ocupações estudantis.

Assim como nas manifestações de junho de 2013 que possibilitaram uma radiografia pública das más condições de mobilidade urbana, os protestos e as ocupações das escolas em 2015 / 2016 deram voz aos estudantes não satisfeitos com o cotidiano do sistema, escolar, vindo a público inúmeras mazelas que são indícios da baixa qualidade da educação pública no país para o ensino básico (GOHN, 2018, p. 1151).

É uma nova geração de militantes progressistas que não se encontram presos a antigas referências e sentem-se insatisfeitos com os serviços oferecidos pelo estado conforme foi caracterizado anteriormente.

Essa geração foi para as ruas em junho de 2016, nas ocupações secundaristas, mas não defendeu Dilma Rousseff com unhas e dentes. Segundo uma pesquisa da Fundação Friedrich Ebert conduzida na marcha da maconha e nos atos estudantis do mesmo ano, os jovens demonstravam descrença generalizada nas instituições, achavam o PT corrupto (mas o impeachment injusto) e consideravam que os movimentos sociais deveriam ser autônomos em relação a partidos (MACHADO, 2019, p. 32).

¹⁰ O ano de 2016 foi um ano de polarização das ocupações e do Impeachment. Obviamente a polarização não se origina ali mas se escancara que é a gênese da polarização que disputará a política brasileira.

A ligação de junho e julho pode não ser direta visto que em projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido atualmente (GROPPO, 2019) a maioria dos jovens alegam não terem participado e nem mesmo têm grandes lembranças. Contudo, existe uma continuidade histórica e uma herança dos chamados novíssimos movimentos sociais. Para Machado,

o pós-Junho de 2013 também trouxe um legado importante ao Brasil: uma onda de ocupações estudantis, a multiplicação de coletivos descentralizados e a explosão do ativismo feminista, LGBTQI+s e antirracista nas gerações mais novas. As ocupações secundaristas de 2016 foram “a primeira flor de Junho”. [Essas novas manifestações foram uma continuidade, mas também um avanço mais bem-acabado das Jornadas, uma vez que o movimento reunia as duas principais “reivindicações” de Junho de 2013 uma crítica da representação, decorrente da crise de legitimidade do sistema político, e a defesa dos direitos sociais. Os autores de Escolas de luta, que escreveram o livro no calor dos acontecimentos, lançaram uma aposta: muitos frutos tardios ainda estão por vir. E eu acredito que esses frutos já vieram e estão espalhados por toda uma comunidade de jovens ativistas (2019, p. 34).

Outra ligação perceptível entre as ocupações de 2016 foi a construção feita por militantes do MPL (Movimento Passe Livre) do coletivo “Mal educado”, que traduz e adapta para realidade Brasileira o panfleto “Como ocupar um colégio¹¹”.

Muitos integrantes do MPL que deixaram o movimento se engajaram no coletivo autonomista Mal-Educado, grupo formado por secundaristas que exerceu um papel importante em ocupações de escolas que se tornaram referências entre as escolas ocupadas, dentre elas, a Fernão Dias, situada no bairro paulistano Pinheiros. Foi iniciativa de membros do Mal-Educado a tradução do panfleto “Como ocupar um colégio?”, utilizado nas ocupações dos estudantes chilenos e que teve grande circulação entre estudantes paulistas (PIOLLI; PEREIRA, 2015, p. 16).

Este panfleto circulou por diversas ocupações em todo o Brasil. A influência desse material, que tem nas suas diretrizes características de organizações de viés anarquista e horizontalizado, nos ajuda a entender as demandas progressistas e a forma de auto-organização que se utiliza de repertórios que são historicamente anarquistas e socialistas, ou seja, identificado com demandas progressistas ou de visão de mundo de esquerda¹². Iniciada em São Paulo em 2015, após o anúncio da

¹¹ Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colo3a9gio.pdf> acessado 03/05/2021

¹² Esquerda é aqui entendido como campo político amplo que se norteia por políticas de justiça social (BOBBIO, 1995).

reorganização escolar que levaria ao fechamento de diversas escolas, as ocupações das escolas de ensino médio se espalham com o efeito contágio descrito por Castells por todo o Brasil no ano de 2016.

Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), em outubro de 2016, 134 campi universitários e mais de mil escolas e institutos federais estavam ocupados (ver Mariana Tokarnia — Repórter da Agência Brasil. Brasília, 26 out. 2016). Conforme a Ubes, ao todo, estavam ocupados no final outubro de 2016, 995 escolas e institutos federais, 73 campi universitários, três núcleos regionais de educação, além da Câmara Municipal de Guarulhos, o que totaliza 1.072 locais. O estado do Paraná concentrava o maior número de ocupações. Minas Gerais aparece em segundo lugar, com 48; Rio Grande do Sul, com 13; Goiás e Rio Grande do Norte, com nove cada, conforme dados dos estudantes (GOHN, 2018, p. 1183).

As ocupações secundaristas traziam como pautas centrais os investimentos na educação pública (CATTANI; MELLO, 2017; COSTA; GROppo, 2018; PIOLI, 2017; GOHN, 2018; RIBEIRO; PULINO, 2019) e também potencializou um grande debate sobre gênero no interior das ocupações, tendo as meninas como protagonistas destes movimentos (MACHADO; SCALCO, 2018; GOHN, 2018; LEITE, 2017; GROppo; SILVEIRA, 2019). Protagonismo este retratado de forma brilhante no documentário “lute como uma menina”¹³.

Da criatividade nos métodos de luta e do repertório autonomista – auto-organização, horizontalidade e espontaneidade nas ações –, as escolas renasceram como espaços públicos vivos e pulsantes, alegres, coloridos, envolventes, com aulas, oficinas, artes, palestras e uma enorme diversidade de ações educativas por parte de estudantes e apoiadores das ocupações. “A escola é nossa!”, bradaram os(as) estudantes secundaristas em novembro de 2015 nas ocupações das escolas estaduais em São Paulo. Invertia-se ali uma antiga hierarquia, em que aos jovens cabia o papel de aprendizes submissos (as) à lógica da instituição escolar. No caso do estado de São Paulo, à lógica gerencial e mercadológica que vem dando o tom nas escolas estaduais há mais de duas décadas (RATIER, 2019, p. 3254).

¹³ Lute como uma menina: Acesse este documentário aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA> Acessado em 03/05/2021

É interessante perceber que em 2016 também houve movimentos conservadores e que pautam a privatização dos bens públicos. Estes movimentos também foram protagonizados majoritariamente por jovens e têm uma visão antagônica às pautas defendidas nas ocupações. Para ilustrar isso, analisarei o Movimento Brasil Livre (MBL). As jornadas junho e julho têm íntima ligação com duas narrativas presentes no imaginário brasileiro desde seu acontecimento.

[...] o debate político no Brasil hoje está dividido em torno de duas grandes narrativas. De um lado, antipetistas defendem que o Partido dos Trabalhadores tomou o poder de Estado para seus interesses particulares e, com a ajuda dos movimentos sociais (que ele supostamente controla), manteve - se no poder até o impeachment da ex - presidente Dilma Rousseff. Do outro, anti - antipetistas denunciam que, por trás do discurso anticorrupção, esconde - se o verdadeiro interesse do campo antipetista, a saber, o de impedir medidas distributivas que ameçam privilégios de classe. (...) Essa estrutura polarizada tem uma história. Ela se formou durante os oito ou dez meses que se seguiram às manifestações de junho de 2013 (...) durante as quais as páginas do Facebook com maior número de interações foram as de produção de conteúdo anticorrupção (RIBEIRO, 2019, p. 83-84).

Como citei anteriormente, junho e julho abrem uma disputa pelas ruas e ações coletivas que passam a ser parte do cotidiano da política brasileira. Sendo assim, uma série de manifestações de grupos a favor do impeachment da até então presidenta Dilma Russel, com pautas contra a corrupção começam a ser orquestradas por uma cadeia de grupos de direita¹⁴, como demonstra Rocha.

Após o segundo protesto seguiram-se ainda mais três eventos similares, e os diferentes movimentos começaram a tentar superar as diferenças existentes e trabalhar em conjunto. Até que , em 15 de março de 2015 , o MBL, o Vem pra Rua e os Revoltados Online convocaram uma manifestação que reuniu centenas de milhares de pessoas na Avenida Paulista. À medida que as manifestações cresciam, com a ajuda da divulgação massiva por parte da grande mídia dos escândalos revelados pela operação Lava Jato, os três movimentos começaram a ganhar proeminência e passaram a receber financiamento de empresários e atores políticos de oposição, o que levantou suspeita não apenas da esquerda, mas também de alguns militantes importantes, que acabaram se afastando dos movimentos (2019, p.46).

¹⁴ Compreendemos a direita como um campo político amplo focado em liberdade individual e garantia da propriedade privada (BOBBIO, 2011).

O Movimento Brasil Livre (MBL), se tornou relevante neste contexto com lideranças jovens como Kim Kataguiri e Fernando Holiday, que atualmente ocupam cargos eletivos como Deputado Federal e Vereador, na cidade de São Paulo, respectivamente. Esta análise será feita com o intuito de demonstrar as diferentes possibilidades de engajamento que se apresentam para juventude no Brasil atualmente. Em seu livro 'Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade', Maria Glória Gohn se debruça sobre dois grupos da direita que protagonizaram o pedido de impeachment e a disputa de narrativas em junho de 2013 sobre o movimento. Segundo a autora, o Movimento Brasil Livre (MBL) também surge no rastro de junho e julho e inclusive sua sigla tem a função de confundir com o Movimento Passe Livre (MPL).

Foi criado em novembro de 2014, com sede em São Paulo e adeptos no Rio Grande do Sul; posteriormente se espalha pelo Brasil. Com bandeiras do liberalismo, seu posicionamento inicial tinha como repertórios ser “contra a bandalheira” e “contra tudo que está aí”. Em pouco tempo, trocou esses slogans pelo “Fora PT”. Sua sigla foi criada para confundir e capturar o lastro de sucesso do MPL (Movimento Passe Livre) (GOHN 2018, p. 508).

A autora segue traçando o perfil do grupo da seguinte forma.

O perfil político do MBL situa-se no campo contraditório de ideias que misturam o liberal e o neoconservadorismo. Liberal porque defende o livre mercado e é antiestatista no que diz respeito à forma como interpreta o papel do Estado na sociedade e na economia. O Estado é visto como problema quando regula ou intervém no mercado. A corrupção não é vista pelo MBL como um problema endêmico do capitalismo, mas como um efeito colateral da intervenção do Estado nas empresas (privadas e estatais). Difere, portanto, do MPL (Movimento Passe Livre), localizado no campo autonomista e no espectro do socialismo, que considera o Estado e o mercado como forças de opressão e desigualdade. É neoconservador por ser contra vários direitos sociais e culturais modernos (GOHN, 2018, p. 519).

Percebe-se que se comparados aos movimentos de ocupações, o Movimento Brasil Livre está em um campo oposto da luta política. As pautas desses movimentos se chocam.. O MBL tem grande apelo e engajamento com a juventude demonstrando que ela pode se engajar de forma plural não sendo assim nem progressista nem conservador por essência. Para entender as juventudes é necessário avaliar diversos aspectos ligados ao seu contexto histórico, econômico, de gênero, racial, geográfico e etc.

Seguindo o conceito de geração de Karl Mannheim (1893–1947), sociólogo húngaro que se dedicou a Sociologia do Conhecimento, me debruçarei sobre o conceito de “juventudes” e suas inúmeras possibilidades de experimentar o mundo e de se engajar politicamente. O mesmo autor lançou concepções teóricas e metodológicas imprescindíveis para analisarmos os jovens.

Pode-se dizer que o Movimento Brasil Livre representa o sentimento da classe média conservadora, pautando-se nos costumes que são conservadores e até mesmo reacionários. Além disso, utilizam a luta contra a corrupção para estimular a defesa da diminuição do Estado. Cabe observar que existem outros grupos relevantes, mas a escolha do MBL tem por objetivo ilustrar as diferentes possibilidades de engajamentos que ocorrem em 2016. Como o grupo não é o tema em si desta dissertação não me aprofundarei nele como objeto, porém é inevitável mencioná-los neste contexto de polarização. Ao lançar esse olhar amplo, compreendemos mais precisamente o contexto em que se dão as ocupações e a variedade de “juventudes” que se apresentam no Brasil.

2.3 Juventudes e diferentes formas de perceber o mundo

Este subcapítulo tem como intenção apresentar as diferentes juventudes possíveis em contextos similares, a partir da compreensão de que a juventude é uma categoria multifacetada e por vezes antagônicas entre si. A partir dessa perspectiva metodológica pretendo fazer uma, fazer uma análise que fuja de uma concepção simplista, essencialista ou idealizada da categoria juventude. Além disso, busco debater as diferentes possibilidades de engajamento presentes no contexto de 2016 a fim de revelar um pouco as características destes grupos nesse contexto. Mas como podem perspectivas antagônicas serem protagonizadas por jovens numa mesma geração?

Quando eu era jovem a crença corrente era a de que a juventude era progressista por índole. Desde então isso revelou-se falso, pois aprendemos que movimentos reacionários e conservadores também podem formar organizações juvenis. A juventude não é nem conservadora, nem progressista por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade (MANNHEIM, 1982, p. 40).

Nesta fala Mannheim nos alerta ao potencial amplo de engajamento da juventude, visto que o autor assistiu uma de uma parcela da juventude alemã aderir ao projeto nazista. Por este motivo, pesquisadores de juventude (GROPPO, 2000) utilizam o termo *juventudes* para alertar sobre a pluralidade que a categoria carrega.

Esta concepção alerta-nos sobre a existência, na realidade dos grupos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes: de cada recorte sociocultural --- classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero etc. — saltam subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é "ser jovem", contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes? A juventude como categoria social não apenas passa por várias metamorfoses na história da modernidade. Também é uma representação e urna situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, devido à sua combinação com outras situações sociais — como a de classe ou estrato social —, e devido também às (diferenças culturais, nacionais e de localidade, bem como às distinções de etnia e de gênero (GROPPO, 2000, p. 12).

Ou seja, para entender o que significa juventude é preciso entender que grupo de juventude se está estudando. O significado de juventude só pode ser entendido em contexto específico.

Ou seja, juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos” (GROPPO, 2000, p. 4).

Para entender diferentes formas de ser *juventudes*, Mannheim utiliza o conceito de gerações, através desta ferramenta metodológica é possível responder a pergunta feita anteriormente. Como grupos tão distintos surgem no mesmo ano num contexto similar? A forma como Karl Mannheim entende o problema das gerações é um pressuposto importante para entender o enfoque da pesquisa. O autor divide assim a geração em três conceitos distintos, não sendo a ideia uma questão meramente etária, mas sim construída socialmente.

Nesta divisão existem três enfoques são eles a “posição geracional “a conexão geracional e por fim a unidade geracional. A posição geracional é ligada ao contexto histórico e biográfico em que ocorrem os acontecimentos que podem influenciar a visão de mundo daqueles que se encontram naquela posição histórica. Eventos políticos sempre demandam uma postura diante deles, pode-se ser a favor, contra ou indiferente a determinado acontecimento, ali se abrem oportunidades de como reagir a determinado contexto.

O grande marco que posiciona esta geração de jovens em um contexto político específico pode ser caracterizado como uma geração que acompanhou vários protestos a partir de 2013, onde as ocupações e disputas voltaram a fazer parte do cotidiano dos noticiários e do imaginário coletivo.

Os jovens brasileiros de hoje nasceram e cresceram no mais longo período democrático desde a adoção desse regime pelo Brasil e durante o qual os canais de participação política não só conheceram estabilidade, mas também se ampliaram e diversificaram. Esse conjunto de instituições de participação políticas constituem elementos da posição geracional, que diferenciam esses jovens da geração de seus pais nasceram durante a ditadura e se tornaram adultos na transição democrática. Isto é, do ponto de vista dos mecanismos formais de participação política, os jovens estavam colocados diante de possibilidades às quais as gerações anteriores não tiveram acesso (CORROCHANO, 2018, p. 54).

Sendo assim, as jornadas de junho e julho são o “fogo no pavio” de uma juventude que desconfiava das participações tradicionais na forma de fazer política em um momento que determina de que forma vão se colocar perante a política. Ou seja, os jovens que participaram de 2016 têm em comum a influência de junho e julho, porém os pontos de vista que estes passam a defender sofre variações a depender da maneira como estes percebem as experiências e trajetórias que tiveram ao longo da vida. Os ocupas e os integrantes do MBL estão na mesma posição e possuem conexões geracionais, pois se posicionam politicamente em 2016.

Uma conexão geracional se constitui através da participação dos indivíduos que pertencem à mesma posição geracional, em um destino coletivo comum assim como da partilha de conteúdos que estão relacionados de alguma forma (CORROCHANO, 2018, p. 547)

Porém o que vai diferenciar estes grupos serão as conexões geracionais; o terceiro conceito de unidade geracional é ligado à partilha de experiências e formações de consensos a respeito da realidade vivida. Ainda segundo Corrochano,

Estas [unidades geracionais] se caracterizam não só pela livre participação de diferentes indivíduos em vivências coletivas, que, no entanto, adquirem para si o caráter de acontecimentos distintos, mas pela reação homogênea; num sentido mais próximo, pela vibração e criação uniforme daqueles indivíduos que estão vinculados por uma conexão geracional específica (2018, p. 547).

Diante da quantidade difusa de pautas apresentadas em 2013, estas duas parcelas da juventude, ou melhor, estas duas juventudes, se identificam com determinadas pautas específicas e, em 2016, se posicionam e se engajam em eventos antagônicos. A unidade geracional está ligada ao sentimento de grupo da formação de identidade e do posicionamento político. A pesquisadora Camila Ribeiro afirma algo semelhante ao se referir às principais razões que geram o engajamento dos militantes "à direita". A formação dessas unidades geracionais é central para entender o engajamento, seja ela progressista ou conservadora.

Esta complexidade se prova ao demonstrarmos que movimentos opostos surgem num mesmo contexto. Se jovens que possuem algumas características similares podem se posicionar em grupos totalmente diferentes isso significa que este posicionamento é algo complexo que precisa ser entendido através da análise das diversas socializações que estes jovens passam e de que forma os mesmos

processam essas socializações visto que estes não são sujeitos passivos diante do que vivenciam.

A suposta disponibilidade de fartos recursos materiais e organizacionais não explicam o sucesso das direitas na opinião pública e sua capacidade de mobilizar uma quantidade significativa de pessoas para protestar contra governos de esquerda. Muitos outros fatores devem ser levados em consideração e dizem respeito à percepção de ameaças e oportunidades por parte da militância, a consolidação de laços e identidades comuns, mobilização de afetos e uso de redes sociais, sendo que, em determinadas circunstâncias, tais fatores foram mais importantes do que a posse de recursos abundantes. Afinal, como explicar o sucesso de Jair Bolsonaro em reunir em torno de si mais de 20 % das intenções de voto para as eleições presidenciais de 2018 a despeito de contar com recursos materiais e organizacionais pífios em comparação com outros concorrentes? Não siga o dinheiro, siga a militância (ROCHA, 2019, p. 47).

Seguindo esta lógica da pesquisadora Camila Rocha utilizarei o modelo de engajamento (SILVA; RUBOWSKI, 2016) para analisar fatores essenciais sobre os motivos para o engajamento destes jovens. Por fim criei uma tabela que compara estas duas possibilidades de engajamento para juventudes a fim de visualizar as diferenças destes movimentos, tendo como intenção demonstrar o quanto o engajamento precisa ser percebido como um processo complexo que necessita ser analisado levando em consideração uma série de variáveis. E destacando mais uma vez que a juventude não é essencialmente nem conservadora, nem progressista. Para entender as juventudes é necessário entendê-las em seu contexto e através de suas referências, sejam elas simbólicas ou objetivas.

Tabela feita pelo autor

GRUPO	OCUPAS	MBL
Ação coletiva protagonizadas em 2016	Ocupação das escolas ensino médio	Manifestações pró-impeachment da presidente Dilma
Pautas centrais	<ul style="list-style-type: none"> ● Investimento na escola pública. ● Debates sobre gênero, e raça recorrentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Defesa do estado mínimo e livre mercado. ● Bandeiras patrióticas e anticorrupção

	<ul style="list-style-type: none"> • Oposição ao projeto escola sem partido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa do projeto escola sem partido contra a doutrinação nas escolas
--	---	---

Após contextualizar e demonstrar como as juventudes se posicionaram de forma tão plural e pautando prioridades distintas, inclusive havendo confronto ideológico a respeito de determinados assuntos no ano de 2016, apresentarei a metodologia de análise e coleta de dados utilizada para abordar o engajamento dos jovens que ocuparam as escolas e atualmente participam de partidos políticos.

3. Pressupostos metodológicos

A fundamentação teórica desta pesquisa se dá principalmente a partir da área da sociologia do conhecimento, com a utilização de conceitos do sociólogo Karl Mannheim, por entender que seus instrumentos metodológicos dão conta de responder os questionamentos levantados pela pesquisa e por entender que esta fundamentação trabalha com maestria e de forma pioneira em questões ligadas à juventude (WELLER, 2007). Porém também recorrerei a conceitos da sociologia do engajamento militante, principalmente das escola francesa e de teorias norte americanas ligadas aos estudos de movimentos sociais e conflitos para embasar a metodologia. Partirei do pressuposto de que as ocupações estudantis geram uma “necessidade” de engajamento por parte dos ocupas, pois modificam a sua forma de perceber a política e, com isso, as organizações passam a ser uma opção de expressarem suas demandas políticas. Ana Karina Brenner, pesquisadora referência nas pesquisas de Juventude com interface partidária e importante referência que será utilizada para minha pesquisa, explica esta necessidade utilizando como referência Howard Becker.

O engajamento pode ser resultado de uma ação racional ou tornar-se consciente apenas após ocorrerem mudanças tão significativas que deixem claro para o sujeito o que ganhou ou deixou de perder ao se engajar em determinada ação que, até então, não era consciente. A pessoa engajada deve ter consciência de que foi ela que fez a aposta, que sua ação é gerada por um interesse, o qual deve ser percebido como necessário, pois o indivíduo não agirá para realizar um interesse não o perceber como necessário. Em outras palavras, o interesse, por si só, não é suficiente para criar o engajamento. É preciso sentir que este interesse é necessário (BECKER, 1960). A percepção da necessidade será importante para o julgamento sobre os investimentos e retribuições do engajamento (BRENNER, 2014, p. 36).

Este sentimento de necessidade de se engajar politicamente e a capacidade de mensurar se é validado ou não o engajamento acontece quando as pessoas são expostas a experiências políticas que as fazem ter contato com estas dinâmicas, disputas e condutas. Para entender o surgimento desta vontade é fundamental entender a importância do processo de socialização política a que estes jovens são expostos. Baquero define a socialização política a partir do “conjunto de experiências

que, no processo de formação da identidade social do indivíduo, têm influência na cristalização de seu papel como ator participativo ou não no sistema político e as crenças que ele/a desenvolve em relação à política e às instituições (BAQUERO; MORAIS, 2018, p. 27).

Ao participarem das ocupações de suas escolas, os jovens têm contato com debates, instâncias de debates, termos e espaços que são específicos do fazer político. Os militantes de coletivos políticos e sindicatos já estavam presentes nas ocupações mesmo que não como protagonistas e sim servindo de suporte para estas. Ou seja, existe um processo de socialização política que é inédita para muitos destes jovens onde eles e elas percebem como funcionam estas dinâmicas, suas dificuldades e benefícios. Brenner explicita em sua fala a importância da socialização política como fator crucial para o engajamento.

A socialização política é utilizada como melhor termo para explicar os processos de transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações do mundo. E a compreensão desse processo ajuda a compreender como se concretizam os engajamentos políticos dos jovens pesquisados (BRENNER, 2014, p. 35).

Entretanto mesmo que as ocupações sejam um espaço que estimula está tomada de decisão, entendo que esta deva ser percebida como parte de uma trajetória mais ampla construída ao longo de múltiplos processos que estes jovens são expostos e interagem no decorrer de suas vidas. Ou seja, esta não é uma decisão tomada repentinamente, mas um processo complexo que faz parte de uma trajetória que envolve inúmeras experiências que estes jovens vivenciam. As pesquisas que se referem ao engajamento político, atualmente entendem que o engajamento militante é construído devido a uma série de fatores diversos.

Associo-me, assim, a uma visão da sociologia da militância que toma o engajamento como processo. Um processo que alia fatores de "predisposição" à militância, da passagem à ação, das formas diferenciadas e variáveis ao longo do tempo adquiridas pelo engajamento, da multiplicidade dos engajamentos ao longo do ciclo de vida e da retração ou ampliação dos engajamentos (FILLIEULE, 2001, p. 201).

As experiências vividas nas ocupações das escolas em 2016 terão uma atenção especial nesta pesquisa, pois se fazem marcantes e por vezes inauguram a participação destes jovens em debates políticos que são fundamentais para o

engajamento dos jovens que participaram destas ações coletivas. Este é um fator importante da pesquisa que une o engajamento de jovens a coletivos políticos com os “novíssimos movimentos sociais” (GOHN, 2018), fazendo assim a pesquisa se debruçar sobre esse encontro de formas de engajamentos tradicionais (partidos e correlatos) e estas novas formas de engajamento (as ocupações) que inicialmente se dão de forma mais horizontal e autônoma. Segundo Mannheim, devido à sua forma de sociabilização, a juventude é um período da em que geralmente os sujeitos começam a se interessar por questões políticas e coletivas, o que o autor chama de impulso de transcendência.

Os adolescentes e jovens adultos, particularmente os estudantes, frequentemente se envolvem em questões que ultrapassam seus interesses de carreira, afastando tais inclinações, uma vez passado o período de inquietação e tensão e estabelecendo-se uma profissão. [...] É uma idade de incertezas e dúvidas, durante a qual as perguntas extravasam o âmbito das respostas herdadas. Proponho chamar de impulso de transcendência a essa ânsia de atingir além do raio de ação e da situação imediata de uma pessoa, fundamental para todo processo intelectual (MANNHEIM, 2013, p. 132).

O impulso de transcendência certamente também é algo que faz parte de um processo longo e complexo, porém, no caso dos ocupas, as experiências vividas lá tornam este momento mais claro e perceptível. Afinal as ocupações são uma fonte muito rica e intensa de debate, ação e reflexão para estes jovens.

O impulso se manifesta pela primeira vez quando o adolescente descobre a herança cultural de sua sociedade e suas polaridades ideológicas. A descoberta de que seu contexto imediato não é “o” mundo inteiro e de que existem vários modos de vida ocasiona a primeira experiência de distanciamento e o primeiro estímulo para transcender as limitações do próprio meio. Na medida em que o adolescente se distancia do grupo primário, o mundo já não lhe parece o mesmo. Quando não refreado, esse impulso de transcender assinala o início de um processo genuíno de educação (MANNHEIM, 1986, p. 132-133).

É preciso ressaltar que as ocupações foram processos tensos e de disputa e esta disputa escancara que existem diferentes projetos políticos propostos para a sociedade, além do entendimento de que a sociedade está em disputa ideologicamente, sendo um processo educativo e formativo para estes jovens. Após estes apontamentos iniciais acerca dos pressupostos metodológicos, se faz importante conceituar um termo já abordado anteriormente, porém ainda não

devidamente conceituado que é o termo **experiência**, que entendo da seguinte forma, a partir da definição de Edward Palmer Thompson, que percebe a experiência como algo “vivo” e dialético sendo ela experimentada de forma coletiva e individual.

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...). Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções (THOMPSON, 1981, p. 189).

Neste sentido, o conceito de Thompson dialoga com o de conhecimento conjuntivo de Mannheim que liga o pensamento e o conhecimento ao contexto local (WELLER, 2005, p. 261). Ambos os autores combatiam visões mecanicistas a respeito da subjetividade dos homens e mulheres reconhecendo que toda subjetividade é formada e condicionada por um contexto, porém reconhecendo que os indivíduos expostos a situações semelhantes podem chegar a sínteses distintas sobre o mesmo fato.

Nesse sentido, é importante a distinção feita por Thompson (1981 apud Moraes e Müller, 2003, p. 12) entre experiência I – experiência vivida e experiência II - experiência percebida. A experiência percebida seria a consciência social, nos termos definidos por Marx. A experiência vivida seria aquela resultante das experiências vivenciadas na realidade concreta e que se choca com a experiência percebida: “a experiência I está em eterna fricção com a consciência imposta e, quando ela irrompe, nós que lutamos com todos os intrincados vocabulários e disciplinas da experiência II, podemos experimentar alguns momentos de abertura e de oportunidade, antes que se imponha mais uma vez o molde da ideologia” (1981 apud Moraes e Müller, 2003, p.13). Isso significa que a vivência da experiência não reproduz obrigatoriamente a ideologia dominante; ao contrário, a experiência pode levar a rever práticas, valores e normas e, ao mesmo tempo, pode ajudar a constituir identidades de classe, de gênero, de geração, de etnias (MORAES; MÜLLER, 2003, p. 13).

Ou seja, é fundamental entender sociologicamente estas “experiências militantes” e relacioná-las à forma como estes jovens percebem sua participação enquanto “ocupas” com outros fatores das suas narrativas biográficas como perfil familiar, raça, gênero e classe. Bem como o contexto que os sujeitos da pesquisa estão inseridos para assim entender como se constrói esta trajetória que faz com que decidam se engajarem em uma organização e quais influências este processo têm na visão de mundo destes. Para Mannheim, visão de mundo é o resultado de “uma série

de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos” (MANNHEIM apud WELLER, 2002, p. 10).

Estes pressupostos que enfatizam a importância do contexto e suas diferentes formas de experiência também justificam a escolha das entrevistas narrativas como ferramenta de coleta de dados. A utilização de entrevistas narrativas não é algo novo no campo da *sociologia do engajamento* com destaque para a escola francesa, pois, como veremos ao longo deste trabalho, o entendimento de que a família e a escola, além de outros espaços, são importantes para o engajamento, é um debate que vem sendo travado e construído ao longo dos anos e ele será aprofundado na dissertação.

Tem-se como evidências a pesquisa já mencionada anteriormente que realizei em 2016, que investigava o impacto das ocupações de 2016 na visão de mundo dos jovens que ocuparam as escolas no município de Rio Grande, juntamente com a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Juventude intitulada “Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013”. A partir do acúmulo dos resultados dessas pesquisas, parto do pressuposto de que estes jovens que optaram por construir organizações fazem parte de uma parcela menor, tanto nas mobilizações de 2013 quanto das de 2016. Porém não creio que isto diminua a importância da pesquisa. Pelo contrário, acho que analisar estes jovens que se diferenciam da maioria, ao decidirem entrar para uma organização partidária, se faz potente para entendermos sobre o papel educacional das ocupações e para reflexão das próprias organizações e seus métodos de formação de novos militantes fazendo assim com que esta pesquisa sirva como instrumento para os próprios movimentos, dialogando com estes, a fim de construir uma pesquisa que tenha utilidade acadêmica assim como para o cotidiano das organizações envolvidas na pesquisa.

Visto que esclareci os pressupostos que guiaram até a pesquisa, me debruçarei a seguir na metodologia utilizada para investigar os processos de engajamento dos ocupas e como se dão estas trajetórias.

3.1 Método documentário e entrevistas narrativas

O método documentário construído por Mannheim tem como intenção a construção de tipos praxiológicos (Bohnsack, 2011), ou seja, visa construir a partir da descrição dos próprios entrevistados tipos práticos de como os sujeitos da pesquisa se articulam ao passarem por eventos semelhantes. No caso desta pesquisa, buscarei construir tipos praxiológicos referentes ao processo de engajamento dos jovens. Para isto, o método trabalha com três sentidos. Como já foi dito, o método documentário trabalha em três sentidos conforme nos informa o sociólogo Ricardo Severo. O primeiro é o sentido objetivo.

Nível objetivo: sentido imanente, o qual fornece o substrato de interação para o(s) sujeito(s) observado(s). Tal nível é dado pelo objeto natural no qual se observa o sujeito em ação. Por exemplo, levantar uma bandeira em uma passeata. Este nível nos fornece o sentido objetivo (SEVERO, 2015, p. 07).

O sentido objetivo é o sentido mais óbvio. É aquele capaz de se perceber em um primeiro momento, sem grandes reflexões, pois é um ato por vezes corriqueiro em determinados contextos. Quando as pessoas estão inseridas em suas rotinas, não refletem sobre cada atitude e os hábitos adquiridos tendem a ser naturalizados. Em seguida nos é apresentado o nível expressivo.

Nível expressivo: é o sentido que é dado pelo sujeito, de acordo com a interpretação que este toma do nível objetivo. Para o(s) sujeito(s) à participação na passeata é compreendida como liberdade o sentido construído para orientar sua ação. Esta etapa é fornecida ao pesquisador de acordo com a perspectiva do agente observado (SEVERO, 2015, p. 07).

Para perceber este sentido, o pesquisador instiga o entrevistado a revelar quais são as motivações deste de fazer algo. É comum, por exemplo, que os entrevistados deem adjetivos aos seus aliados ou adversários. No sentido expressivo cabe ao pesquisador perguntar o motivo desses adjetivos para entender os valores que orientam a ação e avaliação do entrevistado. E, por fim, o sentido documentário que une os dois sentidos anteriores com os contextos, comparações de entrevistas, documentos, a fim de conceituar e teorizar a partir dos elementos apresentados.

Nível documentário: etapa é fornecida pela análise conjunta do sentido imanente e expressivo, e além destes, compreendendo o contexto geral no qual se encontra. Aqui retorna a questão da constituição da visão de mundo do sujeito, a qual é baseada no pertencimento a um grupo que divide experiências em determinado meio social (milieu). Desta forma é importante ir além do fato observado e da racionalização feita pelo sujeito sobre o ato, acompanhando-o nos contextos sociais que constituem sua visão de mundo (SEVERO, 2015, p. 8).

Ao comparar entrevistas e seus sentidos a outros documentos, o pesquisador é capaz de conceituar e teorizar a partir do habitus incorporados durante a pesquisa. Ou, nas palavras de Weller,

Nesse sentido, a compreensão das visões de mundo e das orientações coletivas de um grupo só é possível através da explicação e da conceituação teórica desse conhecimento atóricico. O grupo envolvido geralmente não está em condições de realizar essa tarefa, ou seja; a explicação teórica do conhecimento atóricico é praticamente impossível para o indivíduo ou grupo vinculado ao contexto em que se construiu esse saber. O papel do(a) pesquisador(a) passa a ser, então, encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito do grupo pesquisado, explicitá-lo e defini-lo teoricamente (2015, p. 262).

Para se alcançar o nível documentário se preconiza perguntas que utilizam pressupostos que estimulam a descrição dos eventos por parte dos entrevistados utilizando a palavra “como” (BOHNSACK, 2011), fazendo com que se perceba não só o ato em si, mas também seu sentido expressivo. Ou seja, aquilo que o ato significa para o sujeito entrevistado. Por exemplo, serão feitas perguntas do tipo: como foi a decisão de ocupar a escola? Fazendo com que o sujeito da pesquisa descreva o processo de decisão de ocupação da sua escola. É comum também que os/as entrevistados deem adjetivos a seus pares ou antagonistas. Ao fazerem isso é importante perguntar o motivo que lhes leva a dar esse adjetivo. Exemplificando novamente quando um ocupa se refere a alguém como autoritário é importante questionar qual o motivo que este percebe a pessoa citada como autoritária. Isto facilita na percepção do sentido expressivo que é atribuída aos eventos.

A comparação destes significados permite uma visão macro do que é narrado, sendo assim caberá ao pesquisador através deste processo utilizando a análise das entrevistas perceber conceitos comuns que perpassam as diferentes formas dos sujeitos entrevistados relatarem suas experiências .

[...] na comparação, além de ampliar as possibilidades de interpretação, também representa um método de validação das interpretações [...]. No início da análise comparativa de uma sequência, busca-se verificar a forma como os informantes elaboraram um mesmo tópico, ou seja, em que medida os quadros de referência que orientam as formas como um determinado tema ou problema foi narrado, apresentam semelhanças ou diferenças (WELLER, 2014, p. 329).

Estas comparações, de como diferentes indivíduos narram o mesmo tema, permitem a construção de tipos praxiológicos (BOHNSACK, 2011), que é quando indivíduos diferentes documentam a aquisição de um *habitus* semelhante. Bourdieu conceitua Habitus da seguinte forma.

(...) sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins dos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Para ilustrar o que estou demonstrando, irei utilizar falas da pesquisa que fiz em 2018 sobre o impacto das ocupações na visão de mundo dos jovens que participaram da ação coletiva na cidade de Rio Grande e revelam o processo de construção de habitus na minha análise. Ao pesquisar sobre o impacto de visão de mundo, consegui observar que todos/as os/as jovens entrevistados/as sinalizavam uma mudança de visão de mundo de uma visão de mundo que passava de mais conservadora para uma mais progressista ou, como define o sociólogo Michael Löwy, de uma visão de mundo mais ideológica para utópica.

As visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma função crítica, negativa, subversiva, quando aponta para uma realidade ainda não existente (LÓWY, 2010, p. 14).

É interessante observar como os dois entrevistados partem das suas experiências anteriores à ocupação para situar sua mudança na forma de perceber o mundo.

Com certeza, vou te contar essa história. Eu tava na Marinha. A Marinha é aquele pensamento “quadradão” né, eu saí da marinha e fiz duas coisas: eu

entrei pro teatro e ocupei a escola. Foi um choque de realidade totalmente diferente. Porque na marinha tu tá sempre a favor das regras tu não vê o outro lado da situação pra amenizar (Fernando, 21 anos).

Neste caso, a mudança de fazer parte da instituição da Marinha brasileira e após sua saída ingressar em uma companhia de teatro expressa esta mudança contestatória das regras. Na fala a seguir, Jonatan demonstra situação similar utilizando outros elementos.

Antes eu pensava na política como meus avós pensavam na política. Eu já pensei uma época, antes de aprender história, eu apoiava a ditadura e na época da ocupação me ajudou a entender que política não é ruim, que tudo é política e nós temos que participar da política. O maior aprendizado da ocupação é que o governo tem medo do poder que o povo tem porque na época eles recuaram ante o que nós fizemos. Eles ficaram surpresos e recuaram (Jonatan, 20 anos).

Jonatan utiliza o apoio à ditadura, que era algo aprendido com a família, como forma de expressar que após as ocupações começou a contestar os governantes e perceber política de outra forma. Em ambos os casos, a partir das experiências individuais, os ocupas demonstram que modificaram sua forma de ver política, os direitos humanos, entre outros tópicos. Mesmo que relatados de formas diferentes, as falas apontam para a construção de um tipo comum na mudança de visão de mundo. Cabe ao pesquisador, relacionando as entrevistas ao contexto histórico, teorizar sobre estas narrativas colocando-as num aspecto mais amplo.

No caso desta pesquisa, os jovens partilham as experiências das ocupações e do engajamento em organizações estudantis. Cabe ressaltar que, além de entender que esta escolha metodológica dá conta do que se propõe, também é uma escolha partida da experiência prévia com o método (e com o tema) que possuo como pesquisador. Acredito que utilizá-lo novamente de forma mais madura e com maior rigor analítico devido a experiência adquirida anteriormente se fará proveitoso.

Após a descrição de como se dá o uso do método documentário, justifico o motivo de utilizar entrevistas narrativas como tipo de entrevista para coleta dos dados.

3.2 Entrevistas narrativas

A pesquisadora Vivian Weller, da Universidade de Brasília (UnB), é uma referência no uso do método documentário. E em um artigo intitulado “Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas”, a autora afirma que

De acordo com Nohl (2010, p. 200) as semelhanças entre o método documentário e a técnica da entrevista narrativa desenvolvida por Fritz Schütze consiste no fato de que “aquilo que é comunicado verbalmente e explicitamente em textos de entrevista não é o único elemento significativo para a análise empírica” (OTTE apud WELLER, 2014, p. 328).

A forma como as entrevistas são estruturadas nestas narrativas dialoga diretamente também com o conceito de experiência já trabalhado anteriormente, assim como com a proposta de reconstrução das trajetórias militantes com o objetivo de perceber quais elementos são fundamentais para o engajamento dos/as pesquisados/as.

Ao idealizar essa forma de entrevista também denominada de “narrativa improvisada”, Schütze (1987) parte do princípio de que a narração está mais propensa a reproduzir em detalhes as estruturas que orientam as ações dos indivíduos. A entrevista narrativa busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificara estruturas sociais que moldam essas experiências (OTTE apud WELLER, 2014, p. 329).

Além do mais, a escolha das entrevistas narrativas se faz coerente com o problema de pesquisa que questiona como se dá o engajamento militante, entendendo que este é um processo amplo.. Logo, é necessário entender a construção das trajetórias para entender como se desenrola este processo.

[...] É um processo extremamente complexo, no qual se combinam diferentes histórias: a história das origens sociais e das socializações específicas daqueles que militam; do sistema escolar e de seu lugar na sociedade; dos próprios recursos físicos, intelectuais e psicológicos desses sujeitos; também dos contextos de investimentos militantes; e, finalmente, a história dos riscos e das etapas de uma carreira militante (PUDAL, 2009, p. 133).

Para analisar como essas experiências se entrelaçam na trajetória biográfica destes jovens proponho a utilização de entrevistas narrativas, pois esta técnica auxilia

compreender a relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual construído de maneira significativa pelos sujeitos ao relatarem suas experiências e trajetórias. Esta perspectiva difere das interpretações arbitrárias que isolam as trajetórias biográficas singulares dos eventos sociais em sua complexidade. Busca-se por meio do estudo de narrativas esclarecer como determinadas ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, e ainda, compreender os motivos que os levaram a estas ações (WELLER, 2014, p. 332).

Por fim, a comparação de trajetórias individuais entendidas num contexto específico revelará vestígios relevantes para construções destes tipos praxiológicos (BOHNSACK, 2011) ao detalhar o perfil que os entrevistados têm e suas vivências.

[...] é importante perguntar-se pelas estruturas processuais dos cursos da vida individuais, partindo do pressuposto que existem formas elementares, que em princípio (mesmo apresentando somente alguns vestígios), podem ser encontradas em muitas biografias. Além disso, existem combinações sistemáticas dessas estruturas processuais elementares, que, enquanto tipos de destinos pessoais de vida possuem relevância social (SCHÜTZE, 1983, p. 284).

Ao questionar as trajetórias familiar e escolar dos jovens, serão estabelecidas práticas que vão evidenciar quais fatores são centrais neste processo de engajamento. Por fim, reproduzo abaixo o quadro que sistematiza como o pesquisador deve se portar neste tipo de entrevista.

Quadro fases da entrevista narrativa

FASES	REGRAS
Preparação	Explorar o campo Formular perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa)
Iniciação	Formular o tópico inicial da narração Empregar auxílios visuais quando necessário
Narração central	Não interromper

	Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais
Fase de questionamentos	<p>Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?”</p> <p>Não opinar ou fazer perguntas sobre atitudes.</p> <p>Não discutir sobre contradições.</p> <p>Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”.</p> <p>Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa).</p> <p>para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado).</p>
Fase conclusiva	<p>Facultar perguntas do tipo “Por quê?”, como porta de entrada para a análise subsequente.</p> <p>Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.</p>

Quadro retirado de (RAVAGNOLI, 2018, p. 06)

A seguir abordarei o modelo de engajamento que servirá como guia para definir quais serão os questionamentos relevantes para responder o problema de pesquisa.

3.3 Modelo do engajamento

A seguir me debruçarei com mais detalhamento sobre os principais conceitos da sociologia do engajamento militante a fim de perceber quais pontos são essenciais para serem explorados durante a pesquisa sociológica do engajamento militante.

A sociologia do engajamento militante – entendida como toda forma de participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa voltou a atrair muito interesse nos últimos vinte anos, especificamente na França, mas também no mundo anglo-saxão, e também sofreu uma profunda renovação de seus questionamentos (SAWICKI, 2011, p. 201).

Ou seja, como o nome já sinaliza, a sociologia do engajamento militante analisa os processos de engajamentos políticos e como se desenrolam suas trajetórias. Outro conceito importante a ser explorado será o de carreiras militantes que, devido ao pouco tempo de militância destes jovens, vai ser considerado uma carreira em construção.

Aplicado ao engajamento político, o conceito de carreira possibilita compreender como, em cada estágio da biografia, atitudes e comportamentos são determinados por atitudes e comportamentos passados e, por sua vez, condicionam o campo de possibilidades para o futuro, reposicionando assim períodos de compromisso ao longo do ciclo de vida. O conceito de carreira, portanto, permite, além da petição em princípio, implementar uma concepção de ativismo como um processo. Em outras palavras, trabalhar em conjunto sobre as questões de predisposições à militância, de agir, das formas diferenciadas e da variável tempo decorrido pelo engajamento (FILLEULE, 2001, p. 201).

O ponto central no conceito das carreiras militantes é o entendimento de que o engajamento e a visão de mundo dos militantes se modificam constantemente, não só com pautas e reivindicações, mas suas tarefas na militância, sua relação com o seu próprio grupo e com outros grupos políticos. E nada disto pode ser desassociado da trajetória biográfica dos indivíduos, onde estudam, trabalham, seus laços afetivos, seu tempo disponível, suas relações familiares. Todos estes fatores impactam o engajamento, assim como o engajamento é impactado por estas outras questões. Visto que as ocupações secundaristas ocorreram em 2015-2016, e as entrevistas

foram feitas entre dezembro 2020 e janeiro de 2021, existe, portanto, um espaço de pelo menos quatro anos de carreira militante. Por isso, observar as alterações e permanências nesse processo se faz essencial para o entendimento de como se dão estes engajamentos. Destaco aqui o interesse de entender os significados que os próprios indivíduos atribuem às suas ações existentes nesta metodologia partilhando este pressuposto com o método documentário que já foi abordado.

(...) devemos questionar o significado que essa atividade social específica do ativismo tem para os indivíduos. Uma vez que, de fato, a carreira supõe toda uma série de rearranjos subjetivos de acordo com possíveis mudanças de posição, ela oferece um pensamento diferente de termos fixos na construção da identidade (FILLEULE, 2001, p. 201).

Sendo assim, o objetivo das entrevistas narrativas buscou remontar os itinerários militantes, perceber seus diferentes momentos e como estes momentos afetam a subjetividade destes militantes em seu contexto de militância e de vida como um todo. A forma como o entrevistado percebe o mundo deve ser entendido juntamente com o contexto, suas limitações e potenciais, além de comparações e do entendimento sociológico do processo de forma mais ampla. Entendendo como estas percepções são formadas por uma série de formas de socialização ao longo da vida e nunca isoladas.

Para orientar os questionamentos abordados nas entrevistas narrativas utilizei como referência o modelo de engajamento (SILVA; RUBOWISKI, 2016). Através deste modelo, estes elementos serão retirados de diversas tradições da sociologia do engajamento e serão importantes para direcionar as intenções das entrevistas.. É importante pontuar que a participação nas ocupações causa um processo de subjetivação política nos seus participantes.

Nas ocupações, trata-se da possibilidade de ruptura em relação às funções e o status de adolescente e aluna e aluno (..) Trata-se da desidentificação em relação à função social de estudante – parte do processo de subjetivação política dessas pessoas que vieram a se chamar como ocupas. Na verdade, também da condição tradicional da mulher, considerando a proeminência das ocupas no movimento (..) uma identidade social marginalizada pode vir a se tornar um potencial denominador comum de todas as pessoas, revelando que, do ponto de vista político, todas são fundamentalmente iguais. Isso pode explicar a relativa heterogeneidade social das e dos ocupas, que não se resumem a estudantes da escola ocupada, já que lá estiveram também estudantes de outras escolas ou que haviam evadido, assim como algumas pessoas adultas, como mães de ocupas e militantes (GROPPO, SILVA, 2020, p. 412).

A partir desse processo de subjetivação os jovens passam a ver a participação política como essencial em suas vidas. Para investigar este fator, o modelo de engajamento é importante ao questionar acerca do histórico familiar dos entrevistados, assim como da trajetória escolar, em especial no que se refere ao processo de ocupações, assim explicam os autores.

A perspectiva disposicional enfatiza a importância de atributos/características previamente construídos a longo das trajetórias de vida dos indivíduos, os quais tenderiam a gerar a propensão de determinados indivíduos ao engajamento e, ao mesmo tempo, explicariam a inexistência desta propensão entre aqueles despossuídos de tais atributos/características. Esta perspectiva tem como referência teórica mais geral as formulações de Pierre Bourdieu sobre o *habitus*, enfatizando a importância das disposições incorporadas ao longo da trajetória pregressa dos indivíduos na conformação de suas práticas. Nesta perspectiva, por meio do processo de socialização, os indivíduos constituem determinadas disposições (esquemas de percepção e classificação) que estruturam sua interpretação e sua ação em diferentes contextos sociais (SILVA; RUSKOWSK, 2016, p. 190-191).

Outro fator importante a se questionar a este respeito é se existe consonância entre os valores familiares e aqueles apreendidos na militância e como este choque ou reforço de valores se manifesta na vida dos/as militantes.

As diferentes formas de socialização geram a aquisição de diferentes de *habitus*. Sendo assim, a visão de mundo das pessoas pode ser constituída por valores inclusive conflitantes devido a esses múltiplos espaços que estas pessoas constroem. Gaxie vai usar como exemplo as socializações primárias as que são familiares e secundárias as da escola e as que se desenrolam ao longo da vida adulta. Retomando o que já foi definido como pressuposto metodológico, as experiências das socializações são o ato de experimentar o mundo.

As socializações primárias e secundárias constituem todo o processo de experimentar o mundo. A socialização, assim definida de maneira ampla, se desenvolve ao longo da vida de um indivíduo e designa todos os processos de aprendizado que resultam da "instalação" no mundo e que favorecem essa instalação. Cada trajetória social individual é, portanto, marcada por uma combinação de tipos de socialização e, portanto, por várias experiências, visões e avaliações do mundo que gostaríamos de mostrar aqui que, por sua vez, funcionam como instrumentos para apreender as realidades sociais e, em particular, realidades "políticas" privilegiadas neste trabalho (GAXIE, 2002, p. 149).

As ocupações correspondem a etapa da vida escolar destes jovens, por conseguinte correspondem ao processo de socialização secundário. A pesquisa buscou entender como se dão as relações entre os processos de socialização primário e secundário, ditado majoritariamente pelos valores e visões de mundo da família, com os valores que são absorvidos durante as ocupas. Isto foi feito para traçar perfis familiares e investigar as relações de conflitos ou incentivos à militância dos ocupas.

Essa internalização resulta do aprendizado de modos de ser, pensar e agir (mais ou menos) adaptados ou inadequados à posição ocupada ou a posições ocupadas no mundo social através de vários processos, em especial a educação (explícita). difusa), transmissão, identificação, filtragem, imitação, adaptação ou inovação. Esses aprendizados são de várias ordens. Eles são realizados pela primeira vez na infância, principalmente através da família, mas também no sistema escolar ou no grupo de colegas. Essa socialização inicial, que pode ser descrita como "primária", é complementada por processos subsequentes que constituem uma socialização "secundária" (GAXIE, 2002, p. 149).

Sendo assim, investiguei se os valores partilhados na militância são valores distintos dos que os entrevistados possuíam na família e outros espaços sociais ou se são reforçados. Gaxie chama atenção para muitos militantes que podem rever posições ao longo da vida ou até mesmo possuem visões de mundo conflitantes.

A efetividade política propriamente dita dos elementos de uma trajetória biográfica pode ser enfraquecida progressivamente nos casos em que ocorrem importantes eventos biográficos contraditórios e contraditórios, mas tende a ser mantida no caso oposto. Devido à histerese das disposições, certos elementos de uma situação passada podem continuar a orientar o relacionamento com a política, mesmo que tenham desaparecido da situação atual de um indivíduo (GAXIE, 2002, p. 166).

A perspectiva identitária questiona a relação do recrutamento e da identificação dos militantes com a organização que estes passam a integrar e como se dão as relações entre os militantes e o processo de identificação e estranhamento durante o engajamento. Ademais, como se dá a adaptação e a identificação com as regras do grupo e como esta relação da organização com os indivíduos se torna importante para efetivação da militância dos novos integrantes. De acordo com essa perspectiva, a (re)produção das ações coletivas e, assim, do engajamento dos indivíduos nelas,

dependeria da construção e da difusão de um sentido de ação compartilhado, conformando o que as teorias dos novos movimentos sociais conceituam como identidade coletiva.

As pessoas se engajam em ações coletivas porque elas compartilham certas normas e valores relacionados a áreas específicas de disputa política. Nesta perspectiva, a participação na ação coletiva é um processo de identificação [...]. Uma vez que identidades são criadas e formatadas através de relações sociais, as redes desempenham um papel crucial. Elas constroem e reforçam as identidades dos indivíduos e proporcionam a eles a consciência política que lhes permite aproximar-se ideologicamente de determinada questão política (DIANI, 2003, p. 23).

Se as relações são importantes para entender o processo de engajamento, então também é necessário entender quais organizações estão atuando nos locais pesquisados e como o fazem. Assim como, analisar como se dá o processo de aproximação e recrutamento com estas organizações e quais eram as relações dos ocupas com militantes das organizações antes deles ingressarem. Entendo que isso se fez bastante importante para o entendimento completo do processo de engajamento. Para Filleule,

O interesse relaciona-se, então, à dinâmica interna do recrutamento e às transformações das identidades coletivas relacionadas às mudanças nas características dos espaços em que as atividades sociais consideradas são realizadas. Em seguida, abordamos a mudança nos coletivos através da atenção dada às entradas e saídas, a rotatividade e a possível renovação das “gerações militantes” (2001, p. 209).

A perspectiva relacional, como o nome já indica, se refere às relações que os novos militantes possuem com alguém que já é militante, o momento biográfico que esta pessoa está e sua disponibilidade para participar das atividades, entre outro. Os vínculos afetivos são essenciais para explicar o processo analisado e este não é um resultado percebido somente nesta pesquisa como esclarece:

Essas afinidades não surgem apenas de uma proximidade ideológica, mas também refletem redes de contatos entre ativistas de diferentes coletivos que colaboram esporadicamente e que nessas ocasiões formam relacionamentos mais ou menos próximos (que vão desde relacionamentos simples até amizade) (AGROIKOLIANSKY, 2001, p. 32).

Compreendo que o processo de engajamento não é feito apenas por afinidade ideológica, mas também por relações de amizade e proximidade afetiva ou por uma determinada organização partidária ser mais atuante em determinado local. Sendo assim, se fez importante perceber onde as organizações mais atuaram durante o período de ocupações e quais relações elas estabeleceram com as ocupações e seus integrantes. Foi sobre também importante verificar como os ocupas percebem outras formas de organizações e outros partidos a fim de perceber fatores determinantes para seu engajamento.

Essa orientação baseia-se na ideia de que, ao lado da "oferta associativa", a imagem pública dos movimentos, sempre variável, produz um efeito sobre os investimentos diferenciados dos militantes sucessivamente engajados, que se encontram tanto pelos motivos dos 'engajamento (o significado que os atores atribuem ao seu engajamento) como propriedades sociais dos indivíduos (FILLEULE, 2001, p. 209).

E, por fim, a teoria da redistribuição analisa quais são os ganhos e perdas que fazem com que os jovens permaneçam militando. Esta teoria questiona os ganhos simbólicos percebidos pelos militantes para que estes continuem engajados. Diversas pesquisas mostraram que as ocupações trouxeram traumas e resistências por parte da comunidade escolar. Compreender como estas relações estimulam ou inibem a militância é fundamental para a análise dos resultados. Além também de fatores estruturais, tais como a situação financeira e disponibilidade de tempo para a militância que os entrevistados possuem. Baseado nestas perspectivas e na identificação de que estes são fatores relevantes para o entendimento dos processos de engajamento militante, os pesquisadores propõem o seguinte modelo.



- **Socializações prévias:** são os habitus ou estoques de conhecimento adquiridos previamente e que potencializam o engajamento.
- **Mediação:** pessoa que faz a ponte entre a organização e o novo militante, quanto mais profundo o vínculo de confiança entre o mediador e a pessoa que está se engajando, mais efetivo será este processo de mediação.
- **Socialização militante:** socialização e construção de vínculos com os militantes já organizados; processo de internalização dos habitus e também da construção de afetos neste novo espaço.
- **Alinhamento indenitário:** processo de identificação entre indivíduo e organização, suas pautas, regras e construção de pertencimento do sujeito com o coletivo.
- **Redistribuição:** entendimento do sentido e de quais são os principais ganhos (sejam eles simbólicos) ou materiais percebidos pelos militantes que mantêm sua motivação para permanecer militando após o seu engajamento.

Sendo assim, as entrevistas terão como temas quais os estoques prévios que estes jovens possuíam, como se deu o processo de aproximação e recrutamento na organização, como ocorre a interação e identificação dos militantes com a

organização e vice versa. E, por fim, quais são os ganhos, sejam eles simbólicos ou materiais que mantêm ou desencorajam a militância.

4. Resultados da pesquisa

Feitas todas estas considerações, a proposição que faço para investigar o engajamento e a militância destes jovens é a de aplicação de entrevistas narrativas que questionem sobre os eixos demonstrados anteriormente. São eles: as socializações prévias, entendido aqui como experiências com política, relações familiares e as próprias ocupações, o processo de aproximação e de identificação com as organizações que estes jovens se encontram, a trajetória e o amadurecimento nesta breve carreira militante, considerando este intervalo de quase 5 anos entre as ocupações, a militância no movimento estudantil atualmente e por fim os ganhos e dificuldades que podem ser percebidas de se manter na militância política.

Foram entrevistados¹⁵ 9 jovens que militam nos municípios de Rio Grande e Pelotas, cidades importantes como mencionam Severo e Barcellos (2019).

Estes municípios ficam posicionados geograficamente no sul do estado, e são de importância estratégica, pois compõem um pólo educacional e econômico considerável, com a presença de indústrias, forte comércio e do Superporto de Rio Grande. Em termos populacionais, são duas cidades consideradas como médias no estado e formam uma pequena região metropolitana no extremo sul do país (p. 353).

Ademais, possuem como características comuns estarem participando ou terem participado em algum momento de uma organização partidária assim como das ocupações secundaristas em 2016. A amostra da pesquisa não foi definida a priori, com a finalidade de que fossem feitas o maior número de entrevistas possíveis considerando as disponibilidades dos sujeitos da pesquisa. Para análise dos dados foi aplicado o método documentário a fim de perceber a aquisição de habitus destes jovens militantes ao narrarem suas trajetórias políticas.

Foram entrevistados um total de 9 sujeitos, com a idade de 17 a 23 anos que ocuparam as escolas no ano de 2016, atualmente residem nos municípios de Rio Grande e Pelotas e hoje fazem parte de coletivos políticos variados totalizando quatro

¹⁵ As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021 por videochamadas para respeitar o distanciamento social recomendado por causa da pandemia de COVID 19. Assim sendo, seus áudios gravados e posteriormente transcritos e analisados para esta pesquisa.

grupos. São eles União da Juventude Comunista¹⁶ (UJC), União da juventude Socialista (UJS)¹⁷, Kizomba¹⁸, Levante Popular da Juventude¹⁹. A aproximação com os sujeitos se deu através de militantes mais antigos que eu já tinha alguma aproximação devido a minha proximidade com movimentos sociais e partidos políticos foram estes que me indicaram seus/suas militantes que participaram das ocupações.

Em algumas pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul (Barcellos; Severo, 2019) é possível perceber que jovens que fazem parte de uma organização possuem um maior capital militante.

Incorporados sob a forma de técnicas de disposições a agir intervir ou simplesmente obedecer ele cobre um conjunto de saberes e de *savoir faire* mobilizáveis em ações coletivas, lutas Inter ou intrapartidárias, mas também exportáveis conversíveis em outros universos portanto suscetíveis de facilitar certas reconversões (MATTONI; POMPEAU, 2004, p. 6).

Esta dissertação tem como intenção perceber um lado da dita polarização que se instalou no nosso país, o dos movimentos sociais de juventudes de esquerda, por entender que estes jovens têm a capacidade de sintetizar as demandas e anseios de uma parcela da juventude que se encontra na conexão geracional progressista.

A seguir reproduzo o quadro com informações sobre os entrevistados sua identidade preservada visto que suas atividades políticas podem gerar algum tipo de repressão sendo assim serão utilizados pseudônimos.

Nome	Idade	Gênero	Orientação sexual	Cor	Curso	Organização
Leticia	20	Feminino	Bissexual	Branco	Pedagogia	União da Juventude Comunista (UJC)
Socrates	21	Masculino	Bissexual	Branco	Filosofia Licenciatura	Levante popular da juventude (LPJ)

¹⁶ União da Juventude Comunista (UJC) - Uma das organizações políticas mais antigas ainda na ativa, com mais de 80 anos, a UJC é a colateral de jovens do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

¹⁷ União da Juventude Socialista (UJS) - Braço juvenil do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi fundado em 1984 e, historicamente, possui bastante inserção nas esferas de direção da União Nacional dos Estudantes (UNE).

¹⁸ Kizomba: Juventude ligada à tendência interna Democracia Socialista que constrói o Partido dos Trabalhadores (PT).

¹⁹ Levante Popular da Juventude (LPJ) - Setor de juventude da Consulta Popular - próximo ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) -, com bastante influência em movimentos juvenis urbanos e rurais.

Meszaros	23	Masculino	Gay	Preto	Economia	União da juventude Socialista UJS
Ferreira	22	Feminino	Heterossexual	Branca	Direito	Kizomba
Benario	23	Feminino	Lesbica	Branca	História Licenciatura	União da Juventude Comunista (UJC)
Luther King	23	Masculino	Heterossexual	Preto	Direito	União da juventude Socialista (UJS)
Kollontai	20	Feminino	Bissexual	Branca	Geografia Licenciatura	União da Juventude Comunista UJC
Caetano	22	Masculino	Bissexual	Branca	Artes	Kizomba
Leon	17		Pamseual	Branca	Cursando ensino médio e quer cursar Direito	União da juventude Socialista (UJS)

Faço uma ressalva também para uma quantidade grande de falas transcritas dos sujeitos da pesquisa neste trabalho, além de serem falas longas. Opto, por isto, seguir a sugestão da banca de qualificação, mas também por entender que este processo entre pesquisador e sujeitos da pesquisa é uma parceria entre iguais e que é de suma importância evidenciar estas falas.

Por fim, em linhas gerais, pretendo sistematizar os fatores comuns identificáveis, utilizando o método documentário (BOHNSACK,2020). Os fatores ajudam a criar esta vontade de engajamento, mas também expor diferenças que são possíveis perceber visto que a amostra de pesquisa é variada quanto a raça, gênero e organizações. Ao seguir as características das entrevistas narrativas que reforçam a importância de elaboração de questões a partir do uso da expressão “como”, as narrativas tiveram diferentes tempos de duração, pois a construção destas dependia do próprio sujeito da pesquisa e de sua forma de narrar os acontecimentos. Porém, seja qual for a duração destas entrevistas, todas foram bastante relevantes para o enriquecimento da pesquisa. Inicialmente observa-se as ações descritas, depois o pesquisador questiona o significado que os entrevistados dão ao evento descrito e por fim, através da comparação e da utilização de outras fontes, identifica tipos praxiológicos ou habitus que consigam sistematizar quais são os fatores recorrentes nas entrevistas. Dito isto, a seguir abordarei quais foram os tipos praxiológicos (BOHNSACK, 2010) observados na pesquisa.

Posterior a isso, abordarei um tema que é bastante relevante. Que é a ligação, segundo o modelo abordado anteriormente, de mediação entre uma organização e o

militante que está sendo “recrutado²⁰”. Como já foi mostrado anteriormente em algumas pesquisas, é bastante importante que exista alguém que faça esta ligação entre o militante que tem interesse de engajamento e determinada organização. É possível perceber em todas as entrevistas que sempre alguém serviu de elo entre a organização e o novo militante. Opto nesta pesquisa por não detalhar como cada mediação ocorreu visto que, como demonstram Rubowiski e Silva (2016), este elo pode ocorrer através de conhecidos, o que facilita o engajamento, ou através de outro militante mais experiente que percebe o interesse do novo militante.

Ao falar de mediação é interessante perceber que os militantes aqui entrevistados não estavam organizados antes das ocupações e se engajam durante ou um tempo depois em organizações que tiveram contato em ações coletivas, principalmente de rua. Percebo que as ações coletivas têm um caráter pedagógico para os novos militantes e auxilia na construção de uma confiança política para que a decisão de se organizar em um coletivo de fato se efetive.

²⁰ Termo nativo utilizado por algumas organizações para se referir ao processo de engajamento de novos militantes

4.1 Confiança política construída nas ruas

Como ressaltado no modelo para análise engajamento, (SILVA; RUBOWSKI, 2016) abordado no capítulo desta dissertação, a mediação é um fator importante para o engajamento daquela ou daquelas pessoas que servem de elo entre a organização e o novo(a) militante. O que chama atenção nestes processos de mediação que podem ocorrer de formas variadas é que um fator é essencial para efetivar o engajamento que eu chamarei de *confiança política*.

Na presente pesquisa, os mediadores podem ser de dois tipos, são eles: 1) militantes já organizados que já tinham alguma proximidade com os novos engajados, 2) militantes mais experientes observados durante ações coletivas ou referências construídas dentro das ocupações ou em outra ação política. Como dito anteriormente, um fator comum em todos os casos em que o engajamento se efetiva é a construção de uma confiança. Esta construção acontece quando os militantes, a partir da observação das práticas de determinados militantes ou organizações, passam a confiar naquelas pessoas. Ao ser questionada o que lhe levou a querer se organizar, na época, no coletivo RUA Juventude Anticapitalista²¹, Benário afirma

porque eu acreditava, eu acredito até hoje, na verdade, em pessoas como no M a, Dani, na Mai tipo, no que eles representavam, tipo pessoas adultas, que eles não eram babacas e eles falavam as coisas, tipo, nunca me trataram como uma criança ou como evidentemente não era maduro e tudo mais, mas eu tinha o que falar, tinha uma opinião pra dar, sabe. E eles falavam as coisas que podiam ser reais, assim, tipo, um ideal de família diferente, um ideal de trabalho diferente. E foi muito legal, assim, acho que eu entrei pro rua, por acreditar [...]²²

Na fala acima, Benário que se sua vontade de se engajar surge por acreditar no que militantes mais antigos do RUA representavam politicamente e na sua postura no dia dia esta confiança é baseada não apenas naquilo que defendem teoricamente, mas nas práticas cotidianas. Isto remonta às práticas pré-figurativas, ou seja, aquelas práticas que reproduzem o mundo mais igual que estes (estas) militantes almejam;

²¹ RUA Juventude Anticapitalista Juventude construída por militantes que fazem parte da tendência interna Insurgência.

²² Benário se organizou inicialmente no coletivo RUA e posteriormente se organizou na UJC, organização em que está atualmente.

são muito importantes para determinar esta confiança política visto que principalmente os debates de gênero são centrais para as ocupações e irão ser abordados mais pra frente.

Sendo assim, se algum militante rompe com estes preceitos e age de forma contraditória com o que defende isto afasta novos militantes da organização. Em outra fala a militante relata que a postura de militantes do coletivo Juntos²³.

Ao romper mais tarde com o coletivo RUA, Benário relata se aproximar de um militante da União da Juventude Comunista durante uma segunda ocupação da CREE que, mesmo sem laços pessoais, se constrói um laço de confiança política. a partir daí Benário passa a se engajar na UJC, organização que está atualmente.

Com o Luke ele foi a única pessoa real, tava ali do meu lado, tipo, vamos fazer tudo.. tanto que nós dois somos os únicos indiciados pela polícia, sim. E tudo mais, tipo, da galera que tava ocupando. E aí o Lucas era aquela pessoa que eu conseguia sentar e ficar, olha, a gente tem que fazer isso(..). E daí, teve um conflito na organização na segunda ocupação, tinha uma menina do PT(..) e a gente teve que unir forças pra manter tudo nos trilhos Benário).

Tanto no caso Benário quanto de Caetano percebemos que é possível criar esta confiança inclusive entre pessoas que têm algum desafeto pessoal.

Tanto que eu e o Gil, cara, a gente não se gostava. Eu, a gente discordava em tudo e porque cada um defendia a sua tese em tudo assim. Aí, depois que a gente foi, depois, minha cara, militância, não tem se tu continuar detestando seu companheiro, acabou ficando amigo, parceirão, mas no início ali é isso, entendeu? A gente fez, a gente era novo pra caramba e organizou um movimento assim, né? Essa foi a parte legal, assim, foi por isso que a gente se aproximou, né? (Caetano).

O militante relata que tinha muitos atritos com um companheiro ao se engajar, porém esta relação se modifica com o passar do tempo conforme esta confiança vai sendo construída. Obviamente quando existe um relacionamento prévio, produzir esta confiança política é mais fácil.

A existência de um vínculo positivo e interpessoal com um ou vários membros do grupo pode funcionar como um canal de informação; ela aumenta a credibilidade dos apelos e intensifica a pressão para tornar tais apelos e as práticas correspondentes aceitáveis. Não é de surpreender, nessas condições, que a conversão seja improvável na ausência de vínculos afetivos (Snow e Machalek, 1984, p. 183).

²³ Coletivo de juventude onde se organizam os militantes da tendência interna MES, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

A militante Kollontai e o militante Sócrates, por exemplo, têm seus primeiros contatos com suas organizações a partir de pessoas com quem namoravam naquele momento, porém é possível perceber que este engajamento só se efetiva quando existe uma confiança no fazer político das pessoas e organizações com quem os novos militantes se relacionam.

Para perceber como agem e se posicionam as organizações é fundamental vê-las “em ação”. Neste sentido diálogo com a obra Espaços de Esperança do autor David Harvey que chama atenção de que os acontecimentos ocorrem em determinados tempos históricos e também em determinados lugares (HARVEY, 2005) e se nos perguntarmos em que lugares que esta confiança política é desenvolvida, a resposta é clara: nas ruas!

Os movimentos sociais lutam, em várias frentes, e os atos de rua são frentes essenciais para o que entendemos como movimentos sociais modernos (JASPER, 2016). Conforme já foi abordado desde 2013 o mundo passou por uma série de ciclos de confrontos, onde manifestações que visavam ocupar a rua se tornam centrais para as disputas políticas (BRINGEL 2013; FERNADES, 2019). Havendo, como já abordado anteriormente, manifestações com pautas diferenciadas.

As ações coletivas protagonizadas pelo campo progressista são essenciais para que haja a aproximação de novos militantes, pois configuram janelas de oportunidades como destaca o pesquisador,

assim rua se tornava cada vez mais importante como arena política (..) estruturas de oportunidades políticas, já que por vezes proporcionam oportunidades para que manifestantes mobilizem grande número de simpatizantes e obtenham concessões do Estado janelas de oportunidade que se abrem ou se fecha Cada nova afronta era um pequena janela para mobilizar as ruas (JASPER, 2016, p. 37).

E nos confirma a militante Leon:

(...) foi quando a gente começou a ir pras ruas e a gente começou a se envolver mais com manifesto, mesmo (Leon).

Tanto a militante Leon quanto o militante Luther King, ambos atualmente organizados na União da juventude socialista (UJS), se organizam posteriormente nas ocupações tendo como referência a mesma militante que ocupou as escolas com eles.

Decidem por se vincular efetivamente aos grupos políticos após as ocupações ao acompanharem outros atos como o ato contra a reforma da previdência.

O militante Sócrates se organiza após a atuação do LPJ em sua escola ainda durante a ocupação, o mesmo acontece com o militante Caetano e Benário, que optam por se organizar ainda durante as ocupações ou com curto intervalo entre elas por construírem este vínculo de confiança na atuação política naquela situação

Visto que todos os entrevistados decidiram se engajar durante ou após as ocupações, se torna claro que as ações coletivas são essenciais para que os militantes interessados em se engajar possam avaliar opções de engajamento.

A militante Pavlichenko, que está na União da Juventude Comunista, relata que sempre teve vontade de se organizar, porém sempre rejeitou o campo democrático popular. Então ela relata que sua aproximação se deu a partir da observação da atuação da UJC em diversos espaços. Neste caso, ela quem toma a iniciativa para um primeiro contato.

Então, tipo, foi um negócio muito louco. Que nem eu te falei, eu já tinha essa vontade aí de me organizar, mas eu não conhecia as juventudes, t tinha críticas a partido, mas eu nem sabia como é que funcionava essa dinâmica de ser militante de uma colateral do partido, eu não sabia como é que era isso, sabe? Eu não sabia de nada. Aí, foi o seguinte, teve em 2018 aquele ato de mulheres que rolou em setembro. Aí eu fui nesse ato aí e aí eu vi várias, várias coisas. E eu fiquei, nossa, que massa, assim, eu fiquei muito admirada aquele dia. E aí, eu vi o pessoal da frente de massas do PC do B, o PT, PSOL, não sei se tem uma juventude, pessoal, eu sei que são pessoas organizadas, né? Eu acho que é isso. Aí eu vi essas várias bandeiras, essas várias pessoas aí e aí fui observando assim. E daí, nesse meio tempo, eu vi, né, os meus camaradas, né, militando lá e aí eu botei o olho neles. Aí logo em seguida no início de 2019 eu fui vendo eles de novo, sabe? Sempre. Toda a assembleia tinha um militante da UJC lá, tipo eles também fizeram todo um negócio. Eu não sei o que direito, mas acho que teve a reforma da previdência e aí eles acho que participaram de um abaixo assinado e tal. E aí eu já meio que olhando assim eles, aí naquela época eles montaram uma banca assim, na frente do CC e aí eu parei, comecei a trocar ideia com eles. E daí ficou os dois namorando, né? Os dois tão olhando ali, ficando, assim olhando tu tá afim e eu to afim. Risos. Aí, tipo, aí nesse meio tempo, uns meses depois, tem o MUP, aí eu já, ela tem uma outra frente, né? Que é o movimento universidade popular e daí o G, né? O G, ele me mandou mensagem no Facebook e falou assim, bah, tu não quer participar de uma reunião, ver como é que é? Eu vi que tinha interesse e tal. Se quiser se aproximar. Aí, eu aceitei, né? E comecei a compor esse movimento, antes de entrar pra UJC, (..) aí nesse meio tempo eu já venho já comecei a participar mais das assembleias e me colocar mais nesse movimento estudantil e aí eu comecei a ver como funcionava assim as coisas e aí eu fui vendo. Bom, é isso que eu quero, não é isso que eu quero. E aí eu chamei, das pessoas que iam construir movimento comigo, falei, bom, eu acho que eu só quero entrar (Pavlichenko).

Os militantes Mézaros, Ferreira e Pavlichenko, são casos diferentes pois eles têm um primeiro contato com organizações durante a ocupação porém só efetivam seu engajamento anos depois. Eder relata que a partir de uma amiga começou desde as ocupações a viajar para eventos do movimento estudantil em São Paulo e de 2016 até 2019 mantém contato com a UJS que lhe oferece apoio quando este vem se estabelecer em Rio Grande. Mézaros revela ainda que num destes atos conheceu a UJS ao começar a tocar na batucada da organização e desde lá manteve contato com os militantes. Nota-se que a participação em atos de rua é de suma importância para a construção da confiança afetiva e política de Eder, isto se repete com Ferreira.

Eu conhecia, enfim, Kizomba através de atos, né em atos, enfim, públicos em defesa da educação, em defesa da saúde, contra tantos retrocessos que aconteceram desde dois mil e quatorze, dois mil e dezesseis, aí eu acho que se não me engano dezessete, ficou eu acho que a ira, todos os atos, né? Eu acho que comecei em dois mil e dezesseis ou dezessete. E eu conheci o Ruan, né? É, dezesseis, dezesseis. E e eu conheci o Caetano e aí conversei bastante com o Ruan, conheci a K, verdade, eu acho que eu conheci a Kizomba através da K que era uma militante que já não é mais Kizomba, mas ela era, nós tínhamos amigos, os em comum e aquilo ali foi criando um espaço maior e eu comecei a me aproximar do coletivo, eu ia em algumas reuniões, nada assim, enfim, nada com algum comprometimento maior do que eu poderia estabelecer naquele momento e aí a gente conversava bastante, sabe? Sobre, enfim, feminismo, política, tudo isso foi começando a despertar essa curiosidade de querer conhecer mais, conhecer mais, mas eu realmente firmei esse compromisso com essas ondas. Foi, deixa eu lembrar que eu já nem lembro, né? Foi com dezenove anos, foi com dezenove anos, eu já tô com, vou fazer vinte e dois, né? Foi quando eu entrei pra FURG. Eu entrei pra FURG e eu conheci de novo, né? Outra Kizomba, porque já não eram as mesmas pessoas, já já tinha outra estrutura, outro pensamento, mais maturidade também. E eu conheci o pessoal novo que tava entrando e já fomos redirecionando o pensamento em fazer enfim, reuniões pra estruturar a política dentro da universidade, nós tínhamos muitas reuniões pra, enfim, pra conversar sobre as eleições, a universidade, pra conversar sobre a política feita, né, a política feita dentro de uma instituição, pra além disso, eu acho que foi, foram meus amigos, sabe foram virando meus amigos e a partir disso a gente foi entendendo que a luta seria diferente, né? Com mais esse laço da fraternidade, enfim, de ter essa convivência de tantos anos, né?

Ao observarem estas organizações em campo, os novos militantes têm oportunidade de avaliar as práticas, demandas e militantes de determinadas organizações. Este processo: ter contato e perceber as organizações, disputas e formas de organização fazem parte da construção de uma confiança política e de um **processo pedagógico** que a experiência militante provoca.

4.2 O conflito e o diálogo como processo pedagógico

Tomo como referência Freire e Gadotti que respondem o motivo pelo qual deram o nome de pedagogia de diálogo e do conflito para sua obra conjunta.

Demos esse título porque, para além da pseudo-neutralidade da pedagogia tradicional e da astúcia da pedagogia liberal, buscávamos mostrar como o diálogo e o conflito se articulam como estratégia do oprimido. Sustentamos que o diálogo se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. Entre esses, no máximo pode haver um pacto. Entre esses há é o conflito, de natureza contrária ao conflito existente entre iguais e diferentes (1995, p. 9).

Estes conhecimentos adquiridos em meio a conflitos auxiliam estes jovens a entenderem melhor as estruturas de opressão que a sociedade possui, criam táticas de resistência para esta disputa e auxilia na manutenção da militância.

E eu acho, assim, que politicamente eu aprendi muitas coisas também, eu era bem cru, assim, sabe? Eu, quando entrei na universidade, não sabia o que era liberal, não sabia o que era política conservadora, não sabia, sabia mais ou menos que era porque eu tava ali, né? Tava olhando, mas eu não sabia direito. E aí, eu fui tendo todo esse processo, assim, de aprender as coisas no zero. E, tipo, às vezes a gente brinca, né? Ai, nossa, tu não sabe nada, não sei o que. Quando outras pessoas tão entrando na militância mas tipo é um processo pedagógico, né? Ninguém nasceu comunista, ninguém nasceu acreditando em tal coisa, a gente vai aprendendo conforme vai passando na nossa vida. Então, mais ou menos isso, assim, eu vejo que foi um **processo pedagógico** muito grande, que mudou tanto a minha vida uma militante, mas também a vida deixou, né, porque, sei lá, a gente aprende a se organizar mais, a gente aprende a se impor melhor, a pensar mais sobre as coisas (Pavlichenko).

Esta fala da militante sistematiza a próxima categoria analítica extraída a partir do grupo de referência dialogando com autores como Gadotti.

Quando ele se mobiliza e, nessa medida, se organiza enquanto estudante com outros estudantes, participa de uma espécie de movimento interno no processo de mobilização que em si mesmo é altamente pedagógico. É aí que se dá muito da educação. [...] Numa concepção “palmar” do conhecimento, o que não se vê é que quanto mais o estudante participa de uma mobilização num nível crítico de compreensão dela, dos seus fundamentos e objetivos, tanto mais ele desenvolve em si essa consciência política que move na sociedade civil de que ele participa (GADOTTI, 2001, p.48-49).

Sócrates também coloca algo bem semelhante:

Porque o que tu aprende, velho, aprende a lidar com as pessoas, de experiências diferentes, de olhar o mundo pruma outra perspectiva, de tu ouvir mais os outros (Sócrates).

Os novos militantes percebem a militância como um processo pedagógico de aprendizado, reflexão, mudança e novos saberes possibilitados nesses espaços como nos informa a pesquisadora Maria Gloria Gohn.

(...) a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. (...) “Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. (...) A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações (GOHN, 2017, p. 333-334).

Esta concepção dialoga também com a percepção de E.P Thompson de experiência, trazida nos pressupostos metodológicos, em que o autor percebe a mesma como uma relação dialética entre experimentar o mundo e extrair de forma ativa a síntese do significado destas experiências, negando a reprodução mecânica ou qualquer tipo de “doutrinação” que possam ser acusados os jovens militantes.

Algo que chama a atenção durante a pesquisa é uma categoria que chamo de inspiração histórica. Como inspiração histórica, entendo os militantes históricos e as ações coletivas em algum momento do passado que servem de inspiração para pautas destes novos lutadores. As divergências entre as organizações se refletem na diferença de referências que cada militante vai ter.

A militante Benário conta que no seu processo de decisão para engajamento na UJC estudou bastante e cita militantes ilustres do Partido Comunista Brasileiro como Olga Benário e Luís Carlos Prestes, figuras importantes na oposição ao regime autoritário de Vargas.

Tinha aquela mística toda do Partido Comunista Brasileiro, da Olga Benário, do Prestes, do Mário Alves. Eu comecei a ler muito, né? Ler muito sobre o que eu tava fazendo. E aí teve todas as questões do RUA, assim, mesmo bem pessoais. Eu queria falar que não foi treita, mas foi uma, foi uma tipo, do jeito que nem tá no RUA mais, tipo desde que saiu também, mas eu tretei

porque eu comecei a não me enxergar, assim, é claro que hoje em dia eu vejo uma relação, tipo, se eu fosse mais, se eu tivesse mais calma, aquela coisa que contasse até dez, talvez o role tivesse sido diferente, mas não foi assim (Benário).

As lutas travadas no passado e suas vitórias são essenciais para manter a motivação e atribuir sentido ao engajamento dialogando assim com teorias que levam em consideração retribuições que os militantes têm ao se engajarem, como também para ensinar as táticas utilizadas para resistir.

De um ponto de vista sociológico, a hipótese das retribuições fornece os instrumentos de ruptura com relação às representações espontâneas, frequentemente interessadas e ingênuas, das atividades militantes. Ela dá os meios para compreender e explicar as razões pelas quais o militante dentro de uma organização coletiva importa (ou deixa de importar) para alguns ou, para dizer de outra maneira, de analisar os investimentos no militante (Gaxie, 2005, p. 160-161).

Vale lembrar que as ocupações ocorridas em 2015-2016 têm inspiração na revolta dos pinguins ocorridas no Chile e têm como referência o panfleto utilizado lá e traduzido pelo coletivo Malcriado, intitulado “Como ocupar seu colégio”. Como o nome sinaliza, o panfleto ensina como organizar a ocupação e suas decisões.

A luta contra a ditadura no Brasil é uma referência bastante citada também nas entrevistas.

Porque a juventude, ela tem muita força, ela implantou muitos movimentos que, inclusive durante a ditadura militar, quem segurou o rojão, foi a juventude que tava lá brigando (Pavlichenko).

O aprendizado também serve para entender as táticas utilizadas no passado para desmoralizar os estudantes. Sócrates revela que a ocupação em que ele estava inserido vinha sendo atacada pelo viés moral ao dizerem que os jovens estavam tendo relações sexuais na ocupação ao assistir um documentário sobre as ocupações estudantis francesas no maio de 68.

Aí tipo, o que a gente fez? Eu lembro que por alguma coincidência a gente olhou o documentário de maio de sessenta e oito. Lance que os cara, que os cara comentaram no WhatsApp que virou um banheiro unissex e um bagulho triplex, né? Que fez um movimento sindical assim, mas fora aqui do Brasil e tal. E aí tipo o João falou assim, meu, é isso que eles querem fazer com nós, eles querem impedir que a gente tenha autonomia do nosso próprio corpo (Sócrates).

É possível perceber que a identificação com este movimento serve para qualificar o debate e proteger os ocupas contra críticas que estes vinham sofrendo. Ao longo das entrevistas uma série de figuras históricas aparecem como referência política para os militantes, tais como, Che Guevara, Trotsky, Luiz Inacio da Silva, Manuela D'ávila, Olga Benário, entre outros, aparecem como referências que estes constroem ao longo de sua vida dentro e fora da organização em que estão.

Ao perceberem que outros militantes fizeram o mesmo no passado, estes jovens se motivam para permanecer militando percebendo retribuições simbólicas.

As razões de agir e as expectativas de retribuição pelo engajamento e militância são completamente variáveis conforme as lógicas de ação que conduzem ao engajamento e os recursos necessários para tanto. O mesmo lote de terra buscado por alguém da “base” pode ser visto como algo menos importante e até desprezível enquanto um fim em si por alguém mais diretamente envolvido com as disputas em torno de “modelos” de organização social ou de estratégias mais eficazes para a “mudança social”. Em síntese, é como se para os agentes mais fortes em termos de capital cultural e político estivessem em pauta principalmente retribuições “simbólicas” ou “políticas”, na condição de que não se entenda isso como menos vinculado a interesses (Coradini, 2010, p. 456).

Isso ocorre, pois percebem que a realidade pode ser mudada através do seu fazer político. A experiência nas ocupações e as inspirações históricas (sejam em sujeitos ou movimentos), criam este sentimento de que nada é impossível de ser mudado e também instrumentaliza os jovens com táticas e repertórios ultimados no passado.

Se as vitórias têm a capacidade de inspirar e modificar os sujeitos, é preciso perceber que elas ocorrem também na subjetividade. Neste sentido, é possível explicar por que as mulheres são tão importantes durante as ocupações. “Se tem uma ideologia que se sobressaiu nas ocupações foi o feminismo”²⁴. As questões sobre desigualdades de gênero são centrais para entender as ocupações estudantis de 2015-2016 no Brasil. As pautas principalmente feministas foram debate nas atividades auto-organizadas elaboradas durante as ocupações como demonstram diversas pesquisas (GROPPO; SILVEIRA, 2019; LEITE, 2017). O processo de empoderamento diante das desigualdades e violências são essenciais para que as meninas sejam protagonistas das ocupações e entendam que a militância pode ser essencial em suas vidas.

²⁴ Frase dita pelo pesquisador Luis Antonio Groppo no programa emancipações, coordenado pelo grupo de pesquisa a que estou vinculado.

A possibilidade de expressar sua indignação e combater o machismo é em si um elemento fundamental para que o feminismo seja ponto central no engajamento das mulheres. Percebo que esta capacidade de revidar contra o patriarcado também é uma vitória que motiva e gera necessidade de engajamento para as militantes.

Eu acho que eu entendi a necessidade de nos termos por uma necessidade de ter voz, né? Eu acho que é uma necessidade de me entender como mulher no Brasil. Porque quando a gente se entende como mulher, acaba entendendo a nossa responsabilidade e muitas vezes a renúncia de certas situações pra realmente ter um resultado, né? Então, eu acho que a partir do momento que eu quis entrar pra esse, pra esse movimento, quis entrar pra construir de verdade política, com responsabilidade enfim, com todos os meus compromissos, foi entendendo que se tu é mulher, se tu não te organiza politicamente, tu morre na estrutura, independente de quem, qual teu nome, independente de todas as coisas e eu acho que foi isso, foi isso mesmo, de entender quem eu sou em uma sociedade com tantos retrocessos, né? Entender o que me trouxe, o que me construiu e o que eu gostaria que fosse construído através das minhas experiências, entende? Mas assim, foi uma necessidade mesmo, foi algo que me trouxe e eu não consigo me ver longe desse ambiente, desse ambiente de, de poder, enfim, recusar todas as coisas que estão erradas (Ferreira).

Os debates sobre gênero de forma mais ampla se articulam com a questão das mulheres. Abaixo Benário relata como a identificação com outro militante do Coletivo RUA gera um interesse nela e como um debate sobre machismo lhe marcou.

Antes de participar do RUA eu sabia que tinha um menino mais velho que participava do RUA, aí tinha toda uma mística em volta dele, ele era de esquerda e tudo mais. E a gente, e também era o único homossexual além de mim na escola, assumido. A primeira oficina que eu me lembro na ocupação foi a da Dani e do Marlon que foi tipo, foi muito massa foi tipo; vamos falar sobre machismo (Benário).

Socrátes também ressalta que o Grêmio da sua escola foi essencial para o engajamento das pessoas pautando raça e gênero na época da ocupação.

Então, meu, havia um ambiente totalmente racista ali, mas que, inclusive, as pessoas negras não percebiam, pra elas, tratavam com uma naturalidade muito grande, tá ligado? Muito grande. E a galera do Grêmio era mais, tipo, não curti aquilo ali. Tinha as minas num ambiente muito gauchão. Então, o clima machista, então, pra umas minas, tipo, era muito brabo essa relação. Foi também começou a ter, tipo assim, primeiro, dois casal LGBT do colégio. Então, o Grêmio meio que tinha onde a galera podia conversar, assim, trocar ideias. Então, naquele momento, eu acho que, inclusive, pra agora, uma organização de esquerda que quer organizar o jovem, começa pelo lance da identidade, por mais que seja polêmico, eu mesmo tenho muitas ressalvas a isso, mas, facilita muito, porque às vezes a perspectiva de classe num, tipo, tá tão diluída, que a pessoa, às vezes, sente mais pontualmente nesse lance,

nesses que são sutis, que quando pegam, vão na própria existência (Socrátes).

Outro fator relevante é perceber que a maioria dos jovens entrevistados(as) apresenta uma não identificação com a heterossexualidade, demonstrando assim que a sexualidade destes escapa em alguma medida da heteronormatividade que é imposta, tanto para homens quanto para mulheres. No caso das mulheres, sua postura combativa contra o machismo, assim como, ao ocuparem espaços de protagonismo na política, combatem os padrões impostos; sendo o feminismo essencial para que isto ocorra gerando assim um debate com grande potencial de mobilização e que aumenta as possibilidades de engajamento para outras questões. Assim, elabora-se uma postura de subjetivação política (GROPPO; SILVA, 2020) que se manifesta no dia-dia principalmente das mulheres que agora dão centralidade a outras dimensões da sua identidade.

Na fala a seguir é possível perceber o link entre como a militância é um processo pedagógico pois é um processo individual e coletivo. Kollontai relata como a troca com uma vizinha a motiva a seguir militando.

Então, pra além da gente ver os nossos frutos, assim, de, por exemplo, eu tenho uma vizinha que eu brincava com ela quando eu era criança, eu sou só quatro anos mais velha que ela, mas a gente brincava e tal. E aí, bom, eu fiquei adolescente antes dela e aí eu fiquei, ah, não vou brincar com criança, né? E a gente separou. Mas, sempre quando ela quer saber alguma coisa, ela quer discutir alguma coisa sobre política, sobre feminismo, ela sempre me procura. E ela já disse pra mim que eu sou uma referência pra ela. Então, eu acho que isso é um dos pontos mais gratificantes. Tu vê que todo esse esforço que tu tá fazendo, ele não é em vão, que ele tem que ele atinge pessoas, né? E eu sempre falo pro pessoal assim, que eu converso que não adianta pra mim, né? Que não adiantaria eu ser comunista, ser feminista ou quer que seja, se eu não tivesse, se eu não pudesse ver mudanças no meu cotidiano (Kollontai)

Ferreira também pontua que o machismo tem mecanismos para intimidar as mulheres a estarem nos espaços políticos estudantis e relata o que precisa fazer para ser ouvida.

Eu acho que ser mulher é algo incrível, mas é algo que traz muitas barreiras, sabe? A coisa mais difícil é tu ter que ser duas vezes mais qualificada, tu ter que, digamos, que seguir uma linha pra ser assertiva, ser interpretada como assertiva e (...), pra poder ser ouvida, pra poder e realmente mudar algumas coisas. É muito difícil ser mulher e sendo uma mulher ainda de classe trabalhadora, né? Filha de trabalhadores. Então, muito difícil. E eu acho que

isso foi a coisa mais, assim, que me trouxe mais problemas, sabe? Porque a violência política de gênero, ela é muito perspicaz, porque tu não identifica, ela é muito sutil, não são agressões visíveis, verbais, são pequenas exclusões, pequenas, né? Enfim, manipulações da nossa voz, das nossas ideias, sabe? É tudo muito complicado, a gente tem que ser duas vezes, mulher, pra poder ser, ser um homem. Isso é muito triste. Isso é muito triste, né? (Ferreira).

Ao se posicionarem e agirem contra o machismo, estas jovens militantes aprendem a se posicionar politicamente e a estar na linha de frente da militância. Não só em ações coletivas, mas também ao ajudar outras mulheres nesse processo de empoderamento. Mulheres colocam em prática o elo que David Harvey (HARVEY, 2005) nos alerta que existe entre o corpo e as questões estruturais da nossa sociedade.

Se o debate sobre gênero, raça e classe são centrais nesse processo pedagógico, a questão pedagógica também é perceptível na relação que estes jovens têm com a suas escolhas profissionais. Seguindo com esta relação dialética pedagógica do diálogo e do conflito percebemos que quando se trata de auto organização existe um diálogo entre os militantes e um conflito contra quem tenta se opor às ocupas, quando se trata de machismo e homofobia existe um diálogo entre as mulheres e LGBTs (e até mesmo com homens héteros) porém um conflito com posturas machistas.

Outro fator que chama a atenção com relação ao caráter pedagógico que a militância possui é o fato de se evidenciarem nas entrevistas uma relação com a educação e suas escolhas profissionais. Cinco dos entrevistados fazem uma licenciatura, outros três fazem ou querem fazer direito e um em economia. Em todos os casos atribuem uma conexão entre a militância e suas escolhas profissionais.

Eu sempre quis fazer direito desde criança e acho que a militância reforçou mais isso por querer uma justiça (Leon).

As escolhas ou intenções de fazer determinados cursos me parece ter uma ligação com a experiência das ocupações. Basta lembrar que os dois principais motivos para as ocupações eram a luta por melhoria na estrutura das escolas e também a solidariedade pelo parcelamento dos salários dos professores (SEVERO, 2017; 2019).

Conforme sinaliza Joana, uma professora foi muito importante para o seu interesse por política.

Pra pensar, filosoficamente, aquele momento ali da nossa vida, né? Enfim, a gente nem sabia que tava pensando política, mas a gente tava pensando politicamente. E eu acho que isso foi um despertar, né? A gente acabou conversando com uma professora de sociologia, porque nós éramos alunos muito interessados na parte de humanas, assim, na área de humanas. Então, nós tínhamos muito contato com mais professores da parte de humanas. E nós tínhamos muitas ideias, né? Nós criamos, criamos várias dinâmicas. Eu lembro que antes da ocupação, nós fizemos uma, como se fosse uma brincadeira meio né? A respeito de princípios, enfim e muita gente participou, né? Foi uma atividade que a professora tava sob orientação da professora de sociologia da Ana Paula e nós quatro iríamos organizar aquela, brincadeira, aquela dinâmica e eu lembro juntamente qual era, enfim, a simbologia, mas era algo a respeito, né? (Ferreira).

Kollontai, por sua vez, enxerga a educação como um campo de militância.

Eu entrei em 2018 e já em 2018 eu comecei fazendo PIBID. Então, eu apresentei trabalhos, todas essas coisas. Então, eu vejo também que é um campo de atuação também, porque um exemplo de que eu fiz um trabalho com as crianças na escola, que era sobre movimentos sociais em relação com a ditadura militar. Então, eu expliquei pra eles, tem uma parte na geografia do ensino fundamental que a gente fala sobre o Brasil. E aí, claro, isso depende de cada professor, mas aí eu abordei, a gente tava falando sobre perímetro urbano. Então, a gente falou sobre os movimentos sociais, tanto da cidade, quanto do campo. Aí eles fizeram trabalho sobre os movimentos sociais e aí esse era um fanzine, cada um escolhia um movimento social, era movimentos feminista, movimento LGBT, movimento por moradia, movimento pela causa animal, que eles gostam muito e e movimentos negros era esses cinco, cada um pegava, cada um, ele faziam grupos duplos, eles pegavam o movimento e eles produziam um fanzine com o que era o movimento e quais eram as pautas dele. Aí no final disso, a gente fez, eu e a colega que a gente trabalhava junto, a gente fez a relação com a ditadura militar, que foi bem na época das eleições do Bolsonaro e a gente brigou pra eles que um governo autoritário restringe os movimentos sociais, essas coisas assim. Então eu enxergo também como um campo de atuação. Agora, eu faço e, infelizmente, eu não consigo, assim, ver aonde que eu possa atuar nisso, eu atuo mais no trabalho com os colegas, assim, de conversar com eles, mas no meu trabalho, assim, onde a gente trabalha, porque a gente trabalha com estatísticas, né? Então, é meio complicado eu sair da minha zona de conforto e pensar, isso é uma coisa que eu tenho que desenvolver (Kollontai).

A característica do engajamento como algo integral no sentido de atravessar toda a vida do militante e do educador se revela nesta fala além de perceber que a dinâmica proposta por ela tem muita similaridade com oficinas propostas nas ocupações.

É possível que a militância influencie na forma como os e as militantes percebem a educação como uma atuação política.

Hoje em dia eu até sou secretária política e eu até tô arrumando maneiras boas pra falar o que é. Não é só tipo, todas as feministas estão erradas. Sabe o que que é certo? Tava ontem de dar uma melhorada na cartilha (Benário).

Benário que cursa história licenciatura e escreve poesia e ficção é responsável pela secretaria política e demonstra preocupação para que as cartilhas do partido sejam de mais fácil entendimento para os membros de sua organização se preocupando claramente com o conceito de transposição didática.

Até mesmo quem atua em outras áreas faz aproximações. Outros três cursam ou desejam cursar direito por enxergar na atuação jurídica uma oportunidade de lutar por justiça social. Leonardo revela se interessar pelos problemas carcerários e querer lutar por quem não tem condições muitas vezes de se defender e Leon revela que a militância lhe trouxe ainda mais vontade de fazer direito.

Eder porque faz o curso de economia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) coloca a importância de se considerar a economia em todos aspectos da vida.

Mas eu acho que aí que tá. Porque as pessoas têm muito medo da matemática, né? Inclusive eu tenho dificuldade, assim, mas o curso em si, não é ou pelo menos, não deveria ser um curso de exatas, né, porque é um curso de ciências humanas aplicadas. A economia atingir tudo, por exemplo, se não tivesse tido investimento na educação, a educação não teria virado o que virou, entendeu (Mézáros).

Faço a ressalva que acredito que necessariamente a militância vá determinar a escolha profissional, porém fica claro que ao militarem a sua visão sobre como atuar profissionalmente esta junção entre uma escolha individual (a escolha do curso de graduação) com a noção de que é importante contribuir para lutas coletivas é outro fator visível nestes jovens militantes. Isto nos leva a outro elemento importante do aprendizado pedagógico gerado pela militância, que é o aprendizado de deliberar as decisões coletivamente.

Antes de encerrar este subitem faço a consideração de que segundo os sujeitos de pesquisa a imensa maioria deles não possuía histórico de militância na família e os que possuíam só vieram a ter diálogos sobre isso após seu engajamento.

É o caso da militante Benário que relata ter conflitos com seu avô que não reconhece a centralidade das questões de gênero. Leon relata que sua avó é ativa politicamente em outra cidade e que após ela começar a militar elas se aproximaram e debateram estes assuntos.

Joana, por outro lado, relata que sua mãe não teve acesso a estes debates e que após o engajamento da filha alguns assuntos começaram a ser abordados em casa ou seja os ocupas invertem a lógica tradicional trazendo para a família debates ligados à militância e não o contrário, revelando, assim, mais um aspecto pedagógico deste processo.

4.3 Mais do que diálogo solidariedade

Ao serem questionados sobre quais as principais diferenças que percebiam em sua trajetória militante entre as ocupações até o presente momento se destacam dois fatores; todos e todas dizem entender hoje que as relações sociais são mais complexas seja entre organizações ou entre o estado e as classes sociais, entre o gênero e o capitalismo e etc.

Da ocupação, o que me ajudou muito, talvez, a entender politicamente, foi o contato que nós tivemos na assembleia geral dos estudantes em Porto Alegre. Então, essa assembleia, ela foi, assim, o que mudou a minha relação com o movimento estudantil. Porque, a partir do momento que a gente entende, né, que através de diversas organizações que através de diversas concepções de movimento estudantil, a gente consegue chegar num denominador comum que é a defesa da educação, tu tem essa maturidade pra hoje entender o processo político que a gente tá vivendo no Brasil, entender a força e a resistência dos movimentos, tanto movimentos estudantis, quanto movimentos sindicais, quanto movimentos de trabalhadores e trabalhadoras, né? Porque quando a gente se entende, quando a gente tem, enfim, a consciência política, quando a gente tem consciência de posse do que a gente quer defender e o porquê a gente ter que defender, eu acho que isso é o divisor de águas pra ter responsabilidade política no Brasil, né? Eu acho que é, é um pouco disso (Ferreira).

Outra é de que aprenderam com a militância a respeitar decisões coletivas a serem menos individualistas e imediatistas.

Na época, eu tava lá, eu consegui identificar eu era bem espontaneísta assim nas minhas colocações, tal. E, bom, falava vamos discutir isso aqui, mas se ninguém tiver tempo pra discutir, eu posso tanto ir, dá nada, assim, sabe? E depois de um tempo gritando, eu percebi que a gente tem que se colocar no coletivo e saber diferenciar o nosso individual, né porque a gente não tá sozinho, a gente tá ali dentro, as pessoas também devem supor as opiniões dela e tomar a melhor decisão possível dentro dessas pessoas, sabe? E eu era bem economista, eu tinha muito essa coisa assim de, ai, não deu certo uma vez, então, vamos deixar falar, sabe? Desiste, faça coisas, porque não tava certo? E hoje eu penso que como as coisas não dão certo, da forma como a gente escreveu, a gente faz outra crítica e na próxima vez que acontecer, a gente vai conseguir, né? Fazer diferente, porque a gente discutiu aquilo, né? A gente avaliou o que aconteceu na minha vida (Pavlichenko).

Este aprendizado que preconiza o coletivo ao individual se impregna em toda visão de mundo dos militantes, então as questões sociais já abordadas aqui são sobre a identidade individual construída coletivamente.

Alinhamentos entre as identidades pessoais e coletivas, de tal forma que o engajamento dos indivíduos nos movimentos torna-se consistente em relação ao auto-conceito e aos valores pessoais [...]. Aqui há uma construção deste pertencimento, e não simplesmente a procura ou a captura de pessoas ou grupos onde a perspectiva de pertencimento já estava de alguma forma presente, como sugere a noção de convergência identitária (NAUJORKS; SILVA, 2010, p. 8).

Como abordarei a seguir, a troca entre os companheiros (ou camaradas) se torna essencial no fazer política e também atua como fonte de afeto e motivação para permanecer engajados.

Hoje, talvez, a gente esteja sentindo muita falta, é do contato, né? É de, coletivamente, olhando, tomando um café, conversando, porque isso que nos traz, né? É a coletividade, é o pensamento construído junto, né, em um propósito que traga o bem comum. Então, eu acredito muito que isso esteja naquele diferencial. E, claro, né, derrotar pessoas que tragam todos os retrocessos que a gente tá vivendo. Isso é fundamental para a gente entender que a gente consegue ainda, né, que a gente consegue preservar o estado democrático. Vivendo desde 2014 com o impeachment da presidência é bem complicado a gente ter uma vitória política, né? Sendo de esquerda, sendo, enfim, partidárias, E quando a gente tem uma vitória política, uma vitória, né? Contrária a todo esse neoliberalismo que se formou depois do golpe, a gente entende disso, isso nos traz mais ainda a iniciativa e a vontade de construir politicamente, politicamente coisa, né? Tanto nas instituições, quanto nas entidades, e é isso, é preservar os nossos direitos, eu acho que nada nos motiva mais (Ferreira).

É possível perceber como a identificação com o grupo serve de conforto e é também uma retribuição para se permanecer com “paixão” na militância, como nos informa Joana.

E eu acho que pensar nisso hoje, me traz mais ainda vontade de continuar fazendo o que eu gosto, né? Porque tem que ter essa paixão também. As pessoas, as pessoas acabam confundindo as coisas, né? Dizendo que os movimentos sociais, todos os sindicatos, todas as formas de se organizar, são extremamente frias, né? Tem que ser racionais. Eu, eu discordo, eu acho que se tu não tem uma motivação, não fiz uma paixão em viver aquilo intensamente, pra trazer um denominador comum aos teus, aqueles que tu acha que precisam dessa, opa, oportunidade de uma vida diferente, de uma mudança drástica no que a gente tá vivendo, no sistema que a gente tá vivendo. Então, não vale a pena (Ferreira).

Na mesma lógica vem a fala da Pavlichenko.

Eu acho que é uma coisa que eu já falei, né? E de entender que eu não tô sozinha, nas coisas que eu construí, nas coisas que eu faço e saber que por mais que eu possa continuar muito ruim, eu sempre vou ter o apoio dos meus camaradas (Pavlichenko.)

Mas a melhor parte é a gente ver todas essas contradições, todas essas mazelas que o traz pra gente e a gente saber que tem várias pessoas no mesmo barco, na mesma vibe que tu, assim. Por mais que você seja meio triste de tu pensar assim, mas é confortante saber que tu não tá sozinho, que as outras pessoas também tão nessa mesma vibe que tu (Kollontai).

É preciso lembrar que todo sujeito é atravessado por uma série de espaços na sociedade e se posicionar politicamente em vários momentos é desgastante, o conflito gera cansaço por estar entre pessoas que partilham o mesmo ideal que você. É também um momento de experimentar pequenas doses do mundo fraterno que se quer construir naquele espaço entre companheiros. Existe uma aceitação entre a individualidade e a construção conforme ressalta Sócrates.

É o lance de ter pessoas que compartilham contigo valores, tá ligado? Isso é muito bom, assim, porque é um, é um individualista em certo sentido porque todo particular faz parte de um todo, tá ligado? Todo indivíduo faz parte de alguma coisa, tu tem um ambiente onde tu te sente à vontade, tá ligado? De ser tu mesmo, de dizer o que tu pensa (Sócrates).

Associo esta aceitação com o conceito de unidade geracional conceito de Mannheim que Weller descreve da seguinte forma.

As unidades de geração desenvolvem perspectivas, reações e posições políticas diferentes em relação a um mesmo problema dado. O nascimento de um contexto social idêntico, mas em um período específico, faz surgirem diversidades nas ações dos sujeitos (WELLER, 2010, p. 215).

Ou seja, a postura favorável às ocupações, o habitus adquirido nestas ações coletivas, são um tipo de motivação bastante específicas. Por isso, em coletivos de esquerda que debatem coisas semelhantes os jovens que ocuparam se sentem aceitos, como diz Sócrates, pois partilham esta mesma conexão geracional específica, o que explica este sentimento que também ressalta Caetano ao dizer que a melhor recompensa de militar é a convivência e o estreitamento dos laços.

Melhor parte eu acho que é a convivência, cara. Que a convivência com a primeira coisa mesmo, a convivência com os companheiros e companheiras. Eu acho um barato, assim. E os meus amigos, depois que comecei a militar, eles viraram os meus companheiros meus amigos (Caetano).

Além do mais cabe ressaltar que esta pesquisa é feita em um contexto de pandemia em que os militantes que relataram suas trajetórias estão em isolamento social. Isto certamente traz um peso ainda maior para a saudade causada pelo distanciamento de seus companheiros e companheiras, demonstrando assim como a militância tem este papel social e afetivo na vida daqueles que se engajam.

Assim como o convívio entre companheiros é visto como a melhor parte pelos sujeitos de pesquisa este processo pedagógico também tem seu ônus, suas dificuldades; digo isto com a intenção de não romantizar a militância visto que o engajamento das ocupações também gerou dores e traumas (GROPPO, 2019). Ao serem questionados qual era a parte mais difícil de lidar, sem dúvida o cansaço para conciliar a vida acadêmica com a militância é o fator mais presente nas respostas.

Eu gosto de, tem alguma coisa acontecendo, eu gosto de ir lá e participar, sabe? E, a gente, eu penso que eu não consigo agarrar tudo, entende? E aí, é muito cansativo isso, logicamente, porque às vezes eu não traço o meu limite pras coisas e aí eu acabo querendo fazer muita coisa ao mesmo tempo (Pavlichenko).

O conflito é sim pedagógico mas também traz desgastes e cansaços. Acredito ser relevante pontuar estas questões mesmo que brevemente para que possamos entender as dificuldades que estes jovens enfrentam. Existem também conflitos entre diferentes processos de socialização e da vida pessoal e das demandas geradas pelo coletivo.

Projetos individuais muitas vezes vão falar mais alto no interesse coletivo, tá ligado? E outro projeto de vida, outro projeto de existência. Sim, se tu não saber mediar essas coisas, tu te rala. Às vezes a gente fica de cara porque alguns militantes tão, tipo assim, não tão fazendo nada. Mas cada um tem seus problemas tem que saber como abordar (Sócrates)

Há um fio condutor a respeito destas frustrações. Quando não estão com seus companheiros de militância, estes jovens se veem em espaços muito mais

individualistas (seja família, trabalho, estudo). Sendo assim, precisam lidar com diferentes demandas da própria vida.

Também acredito que este diagnóstico dos principais problemas encontrados pelos militantes pode auxiliar para que os movimentos sociais cuidem da saúde física e mental de seus militantes. A militância é certamente um espaço com uma grande riqueza de saberes, porém esta riqueza não a exime de ser, por vezes, bastante difícil. E dar atenção a estes fatores contribui para uma pesquisa mais completa e um retrato mais fidedigno sobre o engajamento militante. Kollontai aborda também o cansaço, porém coloca como dificuldade de se lidar com as contradições.

Além do cansaço, além da gente fazer várias coisas ao mesmo tempo, eu acho que é a gente ter que lidar com a gente, ter que absorver as contradições que a gente vê, sabe? E, às vezes, tu te sente impotente de não poder fazer algo com as tuas próprias mãos pra poder mudar ou às vezes te sente culpado por ter coisas que as pessoas não tem, porque tu entende que tu ter por mais que, né ah e muito se fala na internet, né? Ah, porque no dia dos pais, muitos falam assim, ter pai presente é um privilégio. Ou, ter, hoje em dia, no Brasil, ter a casa própria é um privilégio. Não, nada disso é um privilégio. São coisas básicas, todo mundo deveria ter. Só que tem esses dois lados, né? Tem a realidade que nos sufoca e tem as pessoas que não lê a realidade da forma que ela deve ser lida e aí tem que tá ficando meio essas duas coisas. Então, eu acho que além do cansaço que é, de ser fazer várias coisas, tocar várias tarefas, tem que conciliar com a vida, com a vida pessoal, porque elas não se não se separam, né? Elas são as três juntas. Eu acho que o mais, pra mim, assim, o mais difícil lidar com as contradições que a gente vê dia a dia. Isso seja de gênero, de raça, enfim, a gente vê essas contradições e a gente não conseguir ter como ter força pra mudar elas instantaneamente ali (Kollontai).

Conforme já foi ressaltado anteriormente, as vitórias são essenciais para o engajamento. Sendo assim as frustrações parecem ser as maiores dificuldades, perceber que nem sempre eles e outros poderiam se dedicar para este projeto, perceber que as vitórias nem sempre aconteceram e que a sociedade é desigual se torna bastante desestimulante para estes jovens que aprenderam a tomar a política como um fazer diário e com foco na mudança. Sendo assim, quando estas mudanças parecem distantes isto gera uma clara frustração.

A seguir abordarei como estes jovens diagnosticam as políticas sociais para a juventude, o que serve também de diagnóstico do Brasil atual visto pelo olhar dos próprios militantes. Sendo assim, para encerrar este trabalho, acatando uma sugestão da banca, resolvi adicionar um questionamento sobre como estes jovens percebiam as políticas voltadas para juventude no Brasil atualmente. Mesmo que eu não seja o

foco do trabalho, acredito que ter como referência os diagnósticos dos próprios jovens sobre políticas sociais pode instigar debates e nos ajudar a entender como este engajamento influencia a visão de mundo dos sujeitos da pesquisa. Além disso, como historiador, vejo este trabalho como documento histórico deste momento, então registrar a percepção dos/das jovens militantes a respeito das políticas sociais é registrar o momento histórico em que o Brasil se insere em março de 2021.

Seguindo os preceitos do método documentário iremos utilizar como referência do que é e qual diagnóstico a respeito das políticas sociais para juventude a partir das próprias falas dos sujeitos de pesquisa. Existe um consenso sobre como as políticas para juventudes já implementadas não são suficientes, porém necessárias.

Eu nunca estudei políticas públicas assim, né? Tipo, pesquisar, mas pelo que eu sei, assim, a gente teve muitos avanços em políticas públicas brasileiras, mas elas nunca foram o suficiente, né? Até porque se elas fossem a gente não teria perdido elas, eu penso. Então, eu acho que a crítica que eu trago é a crítica de muita gente, é uma crítica geral, né? Porque as políticas públicas são tudo pros trabalhadores que precisam, né? Dos serviços públicos e, enfim, é de que a gente teve avanços que foram significativos, mas que não foram suficientes, porque se ele tivesse suficiente, a gente não tinha perdido (Kollontai).

Caetano segue a mesma linha de raciocínio que reconhece os avanços das políticas sociais nos últimos anos, mas suas insuficiências, e como estas estão sob ataque, aborda um ponto importante que é a falta de políticas feitas para e pelos jovens.

Eu quero acreditar que a gente avançou nas políticas de juventude durante um período no país, assim, né? No governo Lula e no governo Dilma. Muito pouco, mas porque que avançou muito pouco e por que que não avançava em nada antes? Porque nem nos outros governos, nem no governo do Lula, foram pensados pela juventude, são políticos pensados por gente velha, né? (Caetano).

Algo que chama a atenção ao serem questionados sobre como viam as políticas sociais para juventude é o consenso da insuficiência das políticas voltadas para juventude e esta crítica de que as políticas sejam construídas pelos próprios jovens como afirma também Leon.

Então, eu acho que, ainda, hoje em dia, a política pro jovem é pra uma minoria, que é a minoria educacional e então, acho que ninguém melhor nós mesmos, pra falar o que a gente precisa, né? (Leon).

A militante esclarece o motivo pelo qual é importante reconhecer a existência desta juventude para assim considerar quais políticas sociais devem ser estabelecidas.

Primeiro é reconhecer que existe uma juventude porque a gente não é, nós não somos mini versões dos nossos pais, que elas vão crescer e vão se tornar iguais e elas precisam das mesmas coisas ou elas vão ter os mesmos pedidos (Benário).

Benário alerta para uma questão importante, que tem outras demandas e que não pode ser tratada como mini versões dos pais. A partir dos resultados desta pesquisa conclui que ao desempenharem outros papéis neste processo de subjetivação política, estes jovens já não aceitam que a política seja feita para eles e sim por eles ou, pelo menos, com eles.

O fato de haver vários denominadores comuns entre estes jovens faz-se importante ressaltar que também existem inúmeras diferenças. Por exemplo, Mézáros também reconhece que as políticas estudantis são insuficientes, porém tece uma crítica ao movimento estudantil ao dizer que os estudantes por muitas vezes se pautam pelo ideal e não pelo que é possível.

Eu acho que o movimento estudantil se perde muito nisso, principalmente eu acho que aí é um problema também, porque muitas pessoas, a maior parte do movimento estudantil é de humanas, sabe? E nas humanas, boa parte dos debates é mais filosófico, sabe? Assim, até meio idealizado, apesar de se esperar que não seja, né, porque curso de humanas, as pessoas idealizam muito, né? Então, por exemplo, o que é assistente estudantil no Brasil? E o que poderia ser e o que é o ideal são coisas diferentes. Por exemplo, eu acho que a política estudantil de auxílio, por exemplo, é muito mal distribuída. Tem lugares que tem assistência ótima, tem lugar que tem assistência péssima, tem lugar que não tem assistência nenhuma, entendeu? O ideal era que todos os lugares iguais a UFSM, por exemplo, onde todos os alunos de baixa renda conseguem o auxílio, não existe ranqueamento naquela universidade, desde dois mil e cinco, não tem ranqueamento. Tem a UFMG, por exemplo, se tem assistência estudantil ótima também, a própria FURG, mas tem várias. E eu acho que a gente tem que trabalhar a partir disso, de como a realidade se apresenta. Não a partir de como a gente gostaria que a realidade fosse, eu acho que esse é um dos erros também de parte, acho que da maior parte do movimento estudantil (Mezáros).

Acredito ser essencial partilhar estas diferenças de pontos de vista para combater uma ideia de que o militante tenha uma visão homogênea, existem disputas de concepções políticas e estas disputas, mesmo que por vezes não tenham uma resolução, ainda estão no campo do diálogo, pois ainda é feita entre iguais e não antagônicos como ressaltam Freire e Gadotti.

Olha, eu acho muito a juventude no Brasil, principalmente a negra, periférica, é a que mais sofre, porque são pessoas que foram tão largadas, né? Pelo Estado, muitas vezes não tem acesso porque tem que trabalhar e ajudar os pais, né? Então, essa, no caso, era antes da classe trabalhadora, trabalhar, trabalhar, trabalhar e não ver um futuro na frente, sabe? (Pavlichenko).

Esta falta de perspectiva para a juventude da classe trabalhadora, principalmente periférica, também é percebida por Sócrates que relaciona este momento desesperançoso principalmente no campo econômico com o aumento de doenças de ordem mental na juventude.

A gente nota uma política de morte mesmo, política de morte e aí quem não for um trabalhador precarizado, terceirizado ali, uberizado, vai ser um microempreendedor. Pra nós, a gente acha que o lance da depressão vem muito forte, da angústia, de entender, assim, ó, a sociedade não dá mais espaço pra ninguém? Tamo tentando acabar com os agora, que já é uma baita política, a galera vai começar a se deparar por conta, assim (Sócrates).

Ferreira segue nesta mesma toada, porém problematizando a falta de acesso a políticas ligadas à cultura.

As políticas públicas pra juventude, elas, eu, eu vou entrar no, no âmbito da, mais das artes, no sentido de porque a gente tem, eu tive uma entrevista, não sei se tu conhece, com a Preta Ferreira, que é uma pessoa que eu tenho como inspiração pra minha vida, né? E a gente tava conversando sobre artistas, sobre políticas públicas, né? Para os artistas e conseqüentemente pra juventude, né? E é esse caos econômico que a gente entende e que a gente observa que já se criou, né? A partir do que a gente não tem, né? Nenhum investimento direto e intensivo na própria construção dessa juventude. A gente não consegue conceder hoje, né? E não consegue conceder qualquer tipo de enfim de acesso, de oportunidade, as pessoas estão reduzidas hoje a subemprego, a exploração. Isso também se trata da juventude, sabe? Uma juventude que desde o pós golpe foi destinada simplesmente ao mercado de trabalho, né? Uma juventude que vem sendo precarizada (Ferreira).

Os diagnósticos feitos por estes jovens encontram eco na realidade e em pesquisas acadêmicas dialogando diretamente com o debate de precarização do trabalho feito por autores como Ruy Braga.

O aprofundamento da precarização da condição proletária nesses países [...] tem tensionado a regulação burocrática criada pelos Estados nacionais e pelo sindicalismo tradicional para absorver os antagonismos classistas nos limites da cidadania salarial, multiplicando conflitos insolúveis no interior do regime de acumulação pós-fordista e financeirizado (BRAGA, 2017, p. 31).

O termo utilizado por Augusto como "política de morte" encontra respaldo no debate sobre necropolítica, que é o conceito que debate como estado e seus dispositivos geram, de forma direta e indireta, a morte dos corpos indesejáveis (MBEMBE, 2020), recaindo assim a violência estatal sobre a população negra e periférica. O atlas da violência confirma esta realidade ao demonstrar o aumento de mortes violentas de pessoas negras no Brasil (CERQUEIRA, 2019).

É importante também ressaltar que estes jovens se referem à juventude no plural pois fazem recorte de classe, gênero e raça, ao se referir a uma juventude em específico destacando assim a pluralidade das várias possíveis juventudes como foi demonstrado nos pressupostos metodológicos desta pesquisa.

Digo isto não para aprofundar estes debates ou conceitos nesta pesquisa, mas para reforçar aquele que é o conceito central desta dissertação; a militância produz saberes diversos, baseados na experiência, na troca e, como podemos ver, também na ciência. Acredito que estas breves reflexões sobre políticas (ou falta de) sociais para juventude possam contribuir com o aprofundamento do debate.

5. Considerações finais

Concluo dizendo que acredito que esta pesquisa consegue responder as perguntas a que se propôs, isto não significa que ela pretenda dar conta de todas as questões sobre engajamento, juventude etc. As ocupações têm uma importância seminal para o engajamento destes jovens, a forma como eles percebem a política, as recompensas e as dificuldades que encontram no engajamento em coletivos políticos.

Minha pesquisa se apoia em referências já consolidadas na sociologia do engajamento e confirma que alguns elementos consagrados como efetivos para o engajamento seguem relevantes, mas também traz inovações ao demonstrar que esta geração de militantes tem suas especificidades, como a coerência em um fazer político que é também percebido no cotidiano. Se existe alguma dúvida de que os partidos não podem secundarizar pautas ligadas a identidade, esta nova geração de militantes partidários faz com que estas dúvidas caiam por terra de uma vez por todas.

Neste sentido é interessante afirmar que uma variável possível não se confirma como essencial para o engajamento desses jovens, que é o histórico familiar. As ocupações são a primeira experiência política da imensa maioria destes jovens que à medida que se engajam vão percebendo novas demandas coletivas e também de identidade individual, até resultar no seu engajamento efetivo em uma organização, passando assim a se enxergar também como um (a) militante.

O engajamento aqui é visto como um processo como a militante Leticia coloca: “ninguém nasce militante ninguém nasce comunista” é nesse processo de ação e reflexão que alguns jovens decidem por se engajarem em coletivos políticos, decisão essa fundamentada na convicção de que ao agirem coletivamente estes jovens são mais fortes e encontram nesses grupos uma possibilidade de se expressarem mais livremente, como a respeito de suas identidades, encontrando no grupo um acolhimento que outros espaços não dão.

Existe nessa dialética de acolhimento e disputa um processo pedagógico de aprendizados de como funciona a sociedade, quais são os mecanismos que oprimem ou dificultam o acesso a determinadas capitais, sejam eles materiais ou simbólicos. E, por consequência, o entendimento de que esta é uma sociedade em disputa com

adversários e projetos antagônicos. Os atos políticos, principalmente os de rua, são os grandes professores para a construção destes saberes e do entendimento de quem são os inimigos e aliados. É na práxis diária que os novos militantes criam laços afetivos e de confiança.

Se existem aliados e inimigos e uma disputa, então existem vitórias e derrotas e esta pesquisa evidencia que as vitórias são essenciais para a manutenção do engajamento. Desde as vitórias materiais como, por exemplo, a revogação de certas medidas ou mais verba para educação, quanto vitórias simbólicas ao conseguirem se expressarem ou se colocarem nos espaços de forma genuína.

As vitórias e derrotas também estabelecem uma ligação com o passado. Ao revisitar lutas travadas anteriormente, estes jovens se percebem herdeiros de outros militantes que lutaram por direitos. Existe, nesse processo, um estudo sobre a história dos jovens do país e do mundo. Existe, portanto, muito trabalho, físico e intelectual para que estes jovens formem sua visão de mundo desmentindo as falácias de que os jovens que se envolvem com política são massa de manobra de militantes mais experientes. Ao contrário. Ao questionarem os padrões impostos, esta nova geração de militantes também critica e questiona as gerações passadas, não basta saber teoria, é preciso reproduzir, no fazer diário, práticas emancipatórias.

Neste sentido as mulheres representam uma quebra de paradigmas ao estarem na linha de frente na luta contra as desigualdades sejam elas de gênero, raciais ou econômicas. O recado desta geração para os que vieram antes e virão após eles é claramente “lutem como uma garota”.

Acredito que demonstrar, em uma pesquisa acadêmica, que aliar gênero, raça e classe para que a militância faça sentido para as novas gerações é uma tarefa importante tanto para a própria academia que por vezes acusa os movimentos de não priorizarem estes debates, quanto para as organizações que de fato optam por não fazerem essa leitura.

Mesmo que não tenha sido explorado ao longo da dissertação, acho que vale mencionar que existe um processo de desgaste e cansaço por parte dos militantes que se dedicam e entendem que este engajamento é importante não só para si mas para sociedade. Por fim, a análise que parte dos próprios jovens de que a sociedade brasileira passa por um momento difícil no que tange às políticas sociais para juventude demonstra as encruzilhadas que os jovens terão que encarar neste

momento. E nos deixando outro recado, os jovens são capazes de decidirem os rumos das suas próprias vidas e não podem ser tratados como pessoas a serem tuteladas ou corrigidas.

Por fim encerro agradecendo principalmente aos sujeitos de pesquisa que se propuseram a participar desta pesquisa. Meu único mérito como pesquisador é de sistematizar esses saberes e ser um bom ouvinte, porém acredito que a pesquisa tem uma importância muito grande nesse momento histórico onde a militância é tão combatida e o termo militante ganha uma conotação pejorativa em vários espaços. Militância é sobre problematizar e sobre conflito, sim, mas é também sobre saber dialogar e chegar a deliberações coletivas. É um processo tanto individual quanto de grupo, um processo de empatia e escuta.

Concluo dedicando este trabalho a todos que lutam e lutaram por um país mais justo e igual na defesa da democracia, combatendo o racismo, o machismo, a LGBTfobia, a desigualdade econômica e de oportunidades. Esse trabalho também não é só meu, é nosso.

6. REFERÊNCIAS

AGRIKOLIANSKY, Éric. **Carrières militantes et vocation à la morale: les militants de la LDH des les années 1980.** *Revue Francaise de Science Politique*, v. 15, n. 1-2, p. 27-46, 2001.

ALMEIDA, Jane Barros; MARTINS, Marcos Francisco. **As ocupações das escolas no Paraná: elementos para a retomada da grande política e dos novos projetos societários.** In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (orgs.). *O movimento de ocupações estudantis no Brasil.* São Carlos: Pedro & João, 2018, p. 175-200.

BARROS, Antonio Teixeira de et al. **Juventudes partidárias no Brasil: motivações e perspectivas dos jovens filiados a partidos políticos.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 30, p. 113-158, 2019.

BAQUERO, Marcello; MORAIS, J. Está em andamento a construção de uma nova cultura política juvenil?. In: BAQUERO, M. (Org.). **A juventude e os desafios da construção da democracia no Brasil.** Porto Alegre: Escritos Editora, 2018. p. 17-66.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política.** Unesp, 2001.

BOHNSACK, Ralf. **A multidimensionalidade do habitus e a construção de tipos praxiológicos** 1. p. 22–41 , 2011.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa social reconstrutiva: introdução aos métodos qualitativos.** Rio de Janeiro: Editora, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários.** 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. **Experiência militante e repercussões em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos.** *Revista Nupem*, v. 6, n. 10, p. 79-93, 2014.

_____. **Entre disposições e interações: redes de sociabilidade de jovens militantes de partidos políticos,** 2014b.

_____. **Socialização Política nos percursos de jovens militantes de partidos políticos. Narrativas Juvenis e Espaços Públicos: olhares de pesquisas em educação mídia e ciências sociais.** Rio de Janeiro: Editora da UFF, p. 31-54, 2014c.

_____. **Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos.** *Pro-Posições*, v. 29, n. 1, p. 239-266, 2018.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. **Junho de 2013... dois anos depois**. Nueva Sociedad – especial em português p. 4–17, 2015.

CATINI, Carolina de R.; MELLO, Gustavo Moura de C. **Escolas de luta, educação política**. Educação & Sociedade. Campinas/SP, v. 37, n. 137, p. 1177-1202, 2016.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. Atlas da violência 2019. 2019.

CORDIN, **Recursos de origem, investimentos e expectativas de retribuição na militância do MST**. Espacio Abierto – Cuaderno Venezolano de Sociología, v. 19, n. 3, p. 445-473, jul./sept. 2010

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika. **Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes?**, v. 4, p. 50–66 , 2018.

COSTA, Adriana A. Fernandes; GROppo, Luís Antonio. **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DA SILVA, Vini Rabassa; DELLA VECHIA, Renato da Silva. Crise da Sociedade Brasileira e as saídas possíveis. **Sociedade em Debate**, v. 23, n. 1, p. 4-25, 2017.

FISCHER, M. C. B.; Tiriba, Dicionário da educação do campo. **Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular**, p. 614, 2012.

FILLIEEULE, Oliver. **Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel**. *Revue française de science politique*, 51(1), 199-215. 2001.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAXIE, Daniel. Appréhensions du politique et mobilisations des expériences sociales. **Revue française de science politique**, v. 52, n. 2, p. 145-178, 2002.

GOHN, Maria da Graça. **Manifestações e protestos no Brasil: Correntes e contracorrentes na atualidade (Questões da nossa época)**, 2018, Cortez, epub.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio-ago 2011.

GOULART, Débora Cristina; PINTO, José Marcelino Rezende; CAMARGO, Rubens Barbosa. **Dois reorganizações (1995 e 2015): do esvaziamento da Rede Estadual Paulista à ocupação das escolas**. ETD - Educação Temática Digital. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 109-133, 2017.

GROppo, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. **Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional.** ETD - Educação Temática Digital. Campinas/SP, v.19, n.1, p. 141-164, 2017.

_____. **Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos.** Alfenas, 2018.

_____. **OCUPAÇÕES ESTUDANTIS EM 2016: LUTAS, APRENDIZADOS E VIOLAÇÕES DE DIREITOS DA JUVENTUDE.** Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social, v. 1, n. 1, 2019b.

GROPPO, Luís Antonio; ROSSATO, Mayara Hellen; DA SILVA COSTA, Mayra Cristina. Extensão, pesquisa e engajamento: **Aprendizado de lutas e dores no seminário memorial das ocupações estudantis.** Revista Conexão UEPG, v. 15, n. 1, p. 059-068, 2019.

HARVEY, David. **Espaços de esperança.** Edições Loyola, 2004.

GROPPO, Luís Antonio; SILVEIRA, Isabella Batista. **AS OCUPAS E AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS: FEMINISMO, POLÍTICA E INTERSECCIONALIDADE.** Revista Educação e Linguagens, v. 8, n. 14, 2019.

GROPPO, Luís Antonio; SILVA, RODRIGO. **Experiência e subjetivação política nas ocupações** estudantis no Rio Grande do Sul. Estudos Avançados, v. 34, n. 99, p. 409-424, 2020.

LEITE, Miriam Soares. **No “colégio dos alunos, por alunos, para alunos”:** feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. ETD - Educação Temática Digital. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 23-47, 2017.

LUCAS, João Ignacio Pires. **OS JOVENS BRASILEIROS E OS PARTIDOS POLÍTICOS NO SÉCULO XXI,** 2012.

MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. **Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista.** In: Ódio como Política. Boitempo, 2018.

MANNHEIM, Karl (1964). **"Das Problem der Generationen"**, in idem, *Wissenssoziologie* [introdução e organização: Kurt H. Wolff], Neuwied: Luchterhand, pp. 509-565.

_____. **Ideologia e Utopia: introdução à sociologia do conhecimento.** Rio Grande do Sul, Ed. Globo: 1980.

_____. **Sociologia do conhecimento.** Volume II. Portugal: RÉS, 1986.

_____. **Sociologia da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARQUES, José Elias Domingos Costa. Jovens organizados em partidos políticos: na contramão da tendência. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 19, n. 3, p. 860-883, 2017.

MATONTI, Frédérique e POUPEAU, Franck. **O Capital Militante: uma tentativa de definição**. In: Plural – Revista de Ciências Sociais. Vol. 13, 2006/2.

MAZUCATO, Thiago. **Ideologia e utopia em Karl Mannheim**. Revista Sem Aspas, v. 2, n. 1, p. 187-195, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Melusina, 2020.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”**: E.P. Thompson, história e sociologia. In.: *XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS*. Campinas: Unicamp, 2003.

PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues. **A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista**. Crítica Educativa. Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 21-35, 2016.

PUDAL, B. (2009). **Da militância ao estudo do militantismo**: a trajetória de um politólogo. Entrevista concedida a Kimi Tomizaki. Pro-Posições, 20(2), 129-138.

RIBEIRO, Camila. **O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?**, In: Ódio como Política. Boitempo, 2019.

RIBEIRO, Rejane Arruda; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Outubro, 2016, Brasil-as ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização**. Revista Psicologia Política, v. 19, n. 45, p. 286-300, 2019

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. **A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada**. The Specialist, v. 39, n. 3, 2018.

SCHÜTZE, Fritz. **Die Technik des narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien. Studienbrief der Fernuniversität Hagen**. Hagen, 1987.

SAN SEGUNDO, Mário Augusto Correia; SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Repensando o currículo a partir da ocupação de escolas**. Práxis Educativa, v. 14, n. 3, p. 1104-1120, 2019.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, v. 13, n. 28, p. 200-255, 2011.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Sociologia do conhecimento e o método documentário: instrumento qualitativo para análise sociológica**. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 48, n. 1, p. 304-317, 2017.

Severo, R. G.; Barcellos, S. B. B. B.; San Segundo, M. A. C. (2019). OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS NO RS: SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA, REPRESENTAÇÃO E LIDERANÇA ENTRE SECUNDARISTAS. *Práxis Educacional*, 15(36), 348-366.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista brasileira de ciência política**. Brasília, DF. N. 21 (set./dez. 2016), p. 187-226, 2016.

Snow, David A.; Machalek, Richard A. The Sociology of Conversion. **Annual Review of Sociology**, 10, p. 167-190, 1984.

SPOSITO, Marília Pontes. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social-1989-2006** (Col. EDUCERE, 2v.). Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 139, p. 321, 2013.

STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Juliana Cotting; HENNING, Paula Corrêa; DA SILVA FREITAS, Gustavo. **Ocupações secundaristas no Sul do Brasil: problematizando a produção de subjetividades jovens em meio à ação política**. *Práxis Educativa*, v. 14, n. 3, p. 1066-1084, 2019.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TILLY, Charles, **Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834**. In: Traugott, Mark (org.). *Repertoires and cycles of collective action*. Durham, NC: Duke University Press, 1995, p. 15-42.

WELLER, Wivian et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, v. 17, n. 2, p. 375-396, 2002.

_____. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias** n. 13, p. 260–300, 2005.

_____. Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude. In: **Congresso Brasileiro de Sociologia**. 2007.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário. Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de**

instituições públicas. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 2, p. 325-340, 2014.